



THE
BILLIONAIRE DRAGON
SHIFTER'S MATE

ZOE CHANT



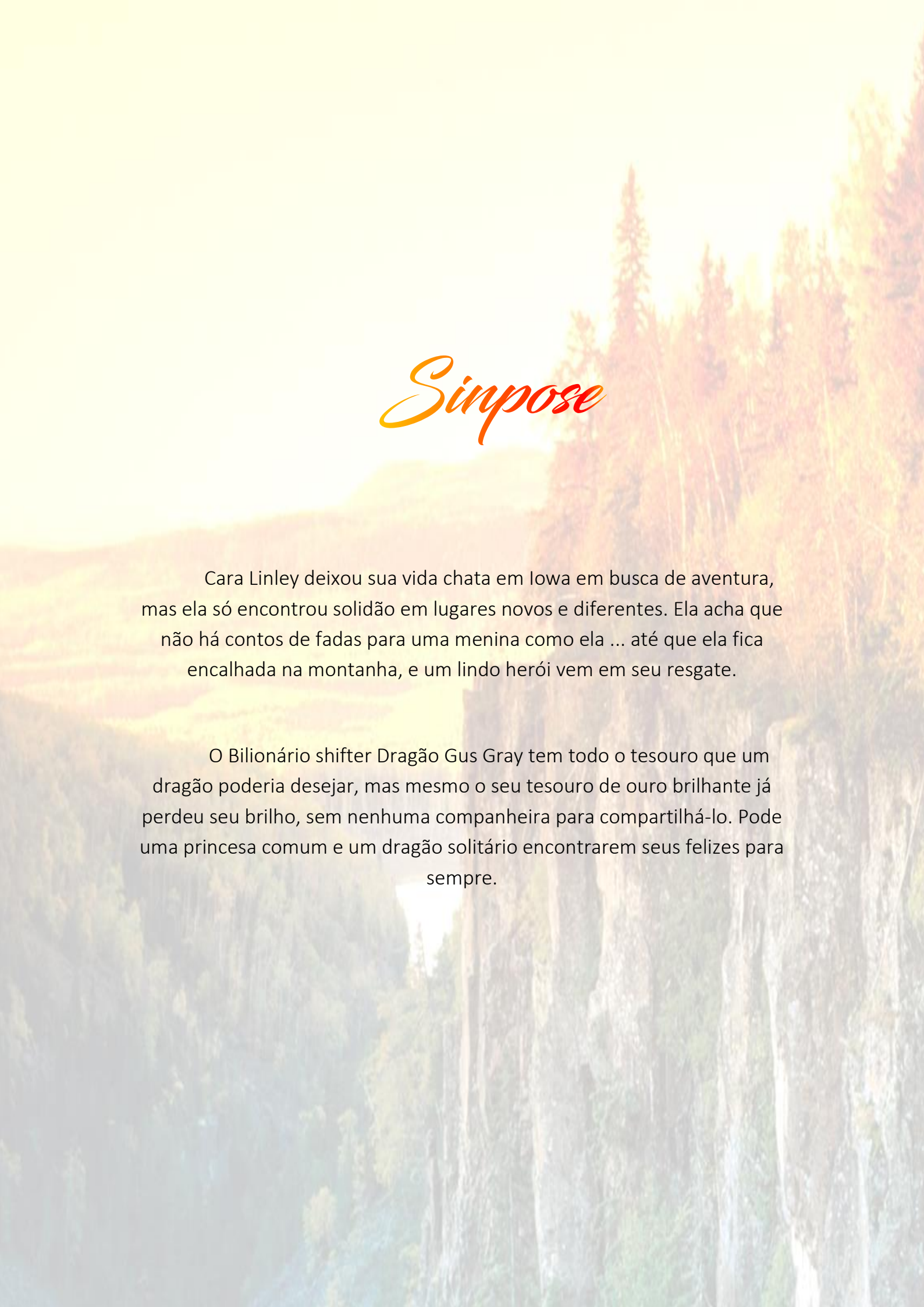


Staff

Tradutora: Andreia M.

Revisão e Leitura Final: Caroline

Formatação: Andreia M.



Sinpose

Cara Linley deixou sua vida chata em Iowa em busca de aventura, mas ela só encontrou solidão em lugares novos e diferentes. Ela acha que não há contos de fadas para uma menina como ela ... até que ela fica encalhada na montanha, e um lindo herói vem em seu resgate.

O Bilionário shifter Dragão Gus Gray tem todo o tesouro que um dragão poderia desejar, mas mesmo o seu tesouro de ouro brilhante já perdeu seu brilho, sem nenhuma companheira para compartilhá-lo. Pode uma princesa comum e um dragão solitário encontrarem seus felizes para sempre.

O sol estava se pondo, iluminando as esponjosas nuvens de verão em rosa, roxo e dourado. Isso refletiu em laranja brilhante no rio enquanto caiu pelo centro do vale.

Cara Linley sentou-se por um momento observando a bela e romântica vista. Era lindo, mas era mais uma coisa que ela estava vendo sozinha. Havia uma pequena cidade no vale, edifícios agrupados em volta do rio, mas era apenas outro lugar onde Cara não iria ficar.

Quando ela saiu de sua vida segura, chata e solitária em Iowa, Cara não havia imaginado isso. Alterar tudo não a fez nem menos sozinha.

Cara balançou a cabeça e passou as mãos pelos cabelos escuros, que caíram em ondas ao redor de seus ombros. Amanhã era outro dia, outra chance de aventura em vez de apenas dirigir em algum lugar.

Ela se virou e se elevou sobre a grade em que ela estava apoiada, de modo que ela estava de frente para a área de estacionamento para esta vista panorâmica. Estava vazio, além do carro dela, e conduziu a um trecho de estrada de duas pistas.

O outro lado da estrada era uma inclinação íngreme. A estrada estava densamente cercada por árvores em todos os lugares, mas por este pequeno remendo de cascalho com a sua visão do vale. Ela puxou o telefone e tirou uma selfie - sua viagem por estrada lhe deu muita prática nisso. Não havia ninguém mais para tirar fotos dela em todos os lugares estranhos, lindos e interessantes que ela tinha visto nas últimas semanas.

Ela permaneceu empoleirada no trilhos enquanto olhava para o telefone para verificar os resultados. Conseguir um bom ângulo no lindo por do sol atrás dela o que significava que seu queixo parecia mais suave e arredondado do que realmente era. Pelo menos, ela se surpreendeu com um sorriso de aparência natural que fazia seus olhos cor de avelã brilhar e suas bochechas ficarem coradas de rosa. Isso provavelmente foi causado por queimaduras solares, mas parecia bom na foto.

Ela também estava piscando um pouco de clivagem, sua camiseta vermelha com um pequeno decote tinha se afastado para mostrar um pouco

mais de suas curvas do que costumava exibir. Ela não se incomodou em puxá-lo. Quem se importava? Cara estava sozinha com a vista panorâmica.

Naquele momento exato, um rápido, baixo desfocagem - algum tipo de animal - lançou-se para fora das árvores e correu direto para ela. Estava latindo alto.

Um cão, é apenas um cão, pensou Cara.

Ela recuou ao mesmo tempo em que percebeu o que estava acontecendo. O telefone dela saiu de sua mão enquanto ela estava sobrebalançada. Ela bateu no chão com um golpe que derrubou a respiração dela.

Então ela começou a deslizar.

Ah, não, ela pensou.

Ela tentou agarrar a grama e avistou o precipício para onde estava sendo dirigida.

Não não este não é o tipo de aventura que eu queria.

Gus soube que havia um intruso na terra de Dragomir quando ouviu a voz do seu irmão Ilie na cabeça dele.

Gus? Mouse assustou uma mulher. Ela está presa.

Gus sabia que Ilie estava se referindo ao seu cão, um cruzamento de um rafeiro e lobo que Ilie havia adotado quando era um filhote muito menor. Ainda assim, por um momento Gus retratou uma mulher de pé em uma cadeira, gritando por medo de um rato e incapaz de descer.

Então ele considerou que isso significava que havia uma mulher perto do Mouse para ter medo dele. Ela deve ser um estranho, uma forasteira, ou Ilie saberia seu nome.

E se ela tivesse sido assustada com um cachorro, ela iria perder a cabeça ao ver um dragão completo. Mesmo os moradores de Gray's Hollow tendiam a ficar longe de Ilie, e a maioria deles o conhecia desde que ele era criança, passando como um dragão com asas altas. Gus tinha que chegar até ela antes que Ilie sentisse vontade de ajudá-la.

Gus levantou-se e correu para a porta.

Eu estou indo! Onde ela está?

Ilie não se incomodou com as palavras. Ele deu a Gus a imagem do local: a participação cênica na estrada do condado, acima da cidade. Estava a apenas uma milha da casa grande. Gus poderia cobri-lo rapidamente o suficiente a pé por isso não valia a pena ir de outra maneira. Ele correu para fora sobre as encostas conhecidas da floresta.

Ela esta bem? Ela está ferida?

Não, eu não acho que esteja, Ilie respondeu. *Mas como eu disse, ela está presa.*

Ilie mais uma vez desistiu de palavras simples, pois ele mostrou a Gus onde.

Gus correu mais rápido, dizendo a si mesmo que não seria bom abrir as suas asas. Ele tinha que ser um ser humano quando ele chegasse lá, afinal, e a senhora provavelmente apreciaria se ele ainda estivesse vestindo roupas.

- Tudo bem. - disse Cara, torcendo para tentar ver a parte de trás de seu próprio cotovelo. - OK. Isso poderia ter sido pior.

Suas mãos estavam empoeiradas, os dedos manchados de verde de cavar na grama. Ela raspou o cotovelo e se irritou o suficiente para sentir o choque passar por todos os ossos de seus calcanhares até o crânio.

Por outro lado, ela literalmente pousou em seus pés, em um lugar plano no gramado demais para chamar uma borda. Ela estava a quinze

metros de distância de onde ela estava parada. Ela não sabia como ela iria voltar para a estrada, e ela ainda tinha menos ideia de onde seu telefone havia pousado, mas ela não quebrou os ossos nem ficou chateada.

Isso era basicamente uma vitória.

Ela olhou para cima e viu o cachorro que a assustou em primeiro lugar. Ele estava de pé com as patas dianteiras na borda, orelhas flexíveis inclinadas para a frente.

- Não! - Cara gritou, balançando os braços. - Volta! Não...

O cachorro pulou. Cara instintivamente abriu os braços, lançando-se para pegá-lo. Ela bateu na bunda quando ela conseguiu, enquanto o cão saltava de seus braços e estava ao lado dela, latindo alegremente e acenando sua cauda encaracolada.

Ele parecia um cachorrinho, mas sua cabeça era mais alta do que a dela quando ela estava sentada e suas patas pareciam praticamente tão grandes quanto suas mãos. Ele tinha um pelo cinza e encaracolado e usava um colar de couro preto adornado com brilhantes pratos de prata. E na frente estava gravado: *MOUSE*.

- Bonitinho. - disse Cara, de pé novamente.

Ela imediatamente se agachou para acariciar Mouse. Ele dançava ao redor dela tão feliz que não podia resistir a sorrir, mesmo que sua situação fosse culpa sua.

- Prazer em conhecê-lo, Mouse. Eu sou Cara.

- Eu sou Gus.

Durante um segundo, parece que o Mouse realmente falou. Ele estava olhando para ela com seus amigáveis olhos castanhos, e sua boca estava aberta em um sorriso de cachorrinho ofegante.

Cara olhou ao redor e viu o homem que falou. Ele estava a poucos metros de distância, onde este lugar plano desapareceu na encosta íngreme.

Gus era *lindo*. Ele era alto e magro, mas sólido, vestindo jeans e uma camisa de carvão macio perfeitamente ajustada. Ele tinha cabelos escuros

cortados de forma curta, grisalho nas têmporas. Ele estava sorrindo calorosamente, fazendo linhas ao redor de seus olhos.

Ela não conseguiu ver de que cor eram seus olhos, mas por apenas um segundo eles pegaram um reflexo do sol e pareciam ter o mesma laranja que tinha visto refletida no rio.

Cara sentiu que o fogo se refletia em algum lugar mais baixo do que seus próprios olhos - ela o queria, com um súbito calor visceral que a surpreendeu totalmente.

Adrenalina, disse a si mesma.

Esse pensamento foi imediatamente seguido por um menos animador.

Oh Deus, ele é lindo e eu estou vestindo roupas de viagem cobertas de sujeira.

Gus não podia tirar os olhos dela.

Ele tinha corrido a tempo de ver a mulher pegar Mouse, obviamente, não percebendo que ele era feito de cachorro e não seria prejudicado por esse salto. Mouse a tinha tacado no chão, mas ela apareceu sorrindo para o cachorro ridículo.

O dragão de Gus, que normalmente ficava enrolado no escuro dentro dele, tinha *ganhado vida* com a visão daquele sorriso.

Mesmo antes de se levantar o suficiente para ele ver suas curvas deliciosas delineadas por um jeans apertados e um top baixo, ele a queria. Mais do que queria ela. Ele queria levá-la para casa, guarda-la como um tesouro e mantê-la segura. Ela não era apenas uma mulher bonita.

Ela era sua *companheira*.

Quando se apresentou ao Mouse com aquele sorriso doce e irônico, Gus não conseguiu se segurar e se apresentou a ela. Quando ela encontrou

seus olhos, viu que eram de um verde com um anel de ouro no centro. Ele sentiu seu dragão se agitar ainda mais. O fogo aumentou nele junto com o desejo de possuir. Ele a viu responder com desejo nos seus olhos, rapidamente seguido de timidez e incerteza.

Ela era humana, é claro. Ela pode ter ouvido falar de almas gêmeas como uma fantasia romântica. Ela provavelmente pensou que não era mais provável que apareçam em sua própria vida do que, digamos, dragões.

Gus não podia apressá-la. Se ela estivesse apenas passando, ele encontraria uma maneira de encontrá-la novamente. Uma maneira que não era assustadora. Ele pensaria em algo, desde que ele não a assustasse no primeiro minuto.

- Você está bem? - Gus perguntou. Ele caminhou em direção a ela lentamente, suas mãos estendidas um pouco de cada lado para mostrar a ela que ele não queria fazer nenhum mal. - Você está na minha propriedade, então se você estiver machucada você provavelmente pode me processar.

- Sim? - Cara disse, afastando-se com rápidos movimentos autoconscientes enquanto olhava para baixo. - Eu não acho que posso te cobrar muito por minha camisa. - protestou Cara com um sorriso torto. - Ou minha dignidade.

- Pelo contrário. - insistiu Gus.

Ela olhou bruscamente para isso. Ele estava ao alcance do braço agora, e quando ela encontrou seus olhos, seus olhares ficaram trancados de novo. Ele tentou segurar seu dragão, para que não visse o fogo dentro dele, mas ele não conseguiu afastar o anel de ouro no centro de seus olhos verdes. Fez-se sorrir, arrastando palavras para terminar o pensamento que ele tinha começado antes de olhar para ele com esses olhos injustamente distraídos.

- Sua dignidade não tem preço. Você poderia me cobrar qualquer coisa por isso.

Silenciosamente, ele prometeu. *Tudo o que tenho eu colocarei em seus pés.*

Os lábios de Cara se separaram, quase como se ela tivesse ouvido isso, ou sentido isso. Gus deu outro passo em frente, levantando as mãos. Ele tinha que tocá-la.

- Você tem certeza de que não está machucada? Você não bateu sua cabeça ou qualquer coisa?

Cara balançou ligeiramente a cabeça, mas quando Gus olhou para baixo viu vermelho. Vermelho literalmente, sangue escorrendo do ponto do cotovelo.

- Cara. - ele disse, mantendo a voz calma.

Ele pegou o braço com mãos cuidadosas. Ele já estava calculando o quão rápido ele podia mudar para levá-la até a clínica ambulatorial da cidade, se ela precisasse de pontos de sutura.

- Querida, você está sangrando.

Cara estava tão distraída com este belo estranho a chamando de querida, que ela quase não conseguiu processar o que ele tinha dito.

Então ela torceu o braço, tentando novamente ver o cotovelo raspado. Picava um pouco - e agora ela podia ver uma linha de vermelho onde o sangue estava escorrendo da parte de trás do braço.

- Oh. - ela disse, sua voz estava um pouco fraca. - Ei.

O vermelho do sangue pareceu muito brilhante, de repente, e havia uma abertura batida engraçada em seus ouvidos.

Oh, ela pensou. Não, isso é apenas a adrenalina.

Gus colocou uma mão em seu braço sangrando, e mesmo através da neblina repentina, sentiu-se quente e estável. De longe, ouviu-o dizer-lhe que se sentasse. Ela deixou que ele a ajudasse até a grama e ergueu o braço esquerdo sobre a cabeça quando ele gentilmente o guiou.

Gus tirou um lenço, brilhantemente branco e com um flash de bordados brilhantes nas bordas. Ela só vislumbrou antes de pressioná-lo contra a parte de trás do braço.

O zumbido nos ouvidos diminuiu após algumas respirações. Ela ficou com a consciência de Gus ajoelhado perto dela, segurando o lenço na parte inferior macia do braço. Os olhos de Gus eram um cinza prateado pálido, e ele estava observando-a com preocupação óbvia.

- Desculpe. - disse ela. - Eu geralmente não desmaio. Estou bem, realmente.

- Você pegou uma queda bastante difícil. - Gus disse gentilmente. - É claro que você está tremula. Estou feliz por estar aqui para ajudar.

Cara franziu a testa. - Como você...

- Eu vivo perto daqui. - Gus olhou para a vista e depois afastou da borda. Não foi exatamente uma resposta, mas quando ele encontrou seus olhos novamente, Cara sentiu aquele puxão de novo, essa faísca de conexão.

Quando ela estava olhando nos olhos, tinha todo o sentido que Gus estava lá só porque precisava dele.

- Eu odeio apenas te colocar de volta no seu carro assim. - Gus pareceu quase se desculpando enquanto falava. - Se você não se importa, você poderia voltar para casa comigo. Eu poderia limpar isso para você corretamente e fazer um curativo, e certificar-me que tudo está bem.

Cara começou a assentir e então hesitou. Ela queria ir com Gus - queria ir *a qualquer lugar* com ele, e mais para o ponto queria seu braço remendado melhor do que ela poderia fazer por ela mesma com o punhado de Band-Aids em seu pequeno kit de primeiros socorros. Especialmente, depois de uma semana no carro, ela não tinha certeza de onde estava o kit de primeiros socorros.

Mas Gus ainda era um estranho que conhecera na floresta, e Cara sabia melhor do que ir para casa com um cara que acabara de conhecer. Ela não sabia?

- Se você preferir não ir, eu posso levá-la de volta ao seu carro - nós teríamos que caminhar quase tão longe para obter uma trilha decente de volta à estrada, no entanto, a menos que você seja boa em escalar essas rochas...

Cara olhou para ele, mas a expressão em seu rosto era paciente e gentil. Ele não estava a empurrando. Quando ela olhou para ele, ela não sentiu que tinha algo a temer. Ela só estava preocupada porque ouviu um conselho e regras e precauções de segurança por toda a vida.

Cara olhou para Mouse. - O que você acha? Posso confiar nele?

Mouse latiu, abanou a cauda e aproximou-se deles imediatamente. Ele pressionou Gus, que conseguiu não ser derrubado por seu entusiasmo. Gus apenas lhe bateu com um ombro quando ele tentou cheirar o lenço que Gus ainda estava pressionando contra o seu braço.

- Hmm, isso parece ser um sim. - observou Cara.

- Eu posso oferecer melhores referências do que o cachorro do meu irmão, eu juro. - disse Gus, sorrindo. - Todo mundo me conhece na cidade. Eu poderia te dar números de telefone.

Cara estremeceu. - Se eu não tivesse jogado meu celular fora de um penhasco quando eu caí.

Gus fez um rosto simpático e olhou em volta como se ele pudesse ser capaz de detectá-lo. - E eu não tenho o meu comigo, ou eu o ofereceria. Então eu acho que eu tenho apenas o Mouse como um testemunho de personagem.

- Ele parece confiável. - disse Cara. Os cães deveriam ser bons juízes de caráter, certo? E Gus realmente parecia ser um bom cara.

- Ok, sim. Por favor. Obrigada.

- Não é necessário me agradecer. - disse Gus, dando-lhe um sorriso deslumbrante que a fazia sentir-se quente novamente. - É o mínimo que posso fazer.

Gus afastou o lenço do braço, o suficiente para que Cara visse uma mancha brilhante de sangue sobre ele.

- Parece que está abrandado, pelo menos. - disse Gus. - Mas provavelmente devemos mantê-lo no lugar.

- Eu deixei minha fita médica no carro. - disse Cara.

Gus lançou um sorriso. Ele já estava alcançando a gola da camisa com a mão esquerda, tirando uma fina corrente de ouro que pendia ao redor de seu pescoço. Ela viu pelo menos outras duas que ele deixou dobradas debaixo da camisa. Elas não eram ostensivamente exibidas, apenas mantidas próximos, como se fossem preciosa para ele.

- Este é ajustável. - disse ele, soltando-o com graça, com uma mão. - Provavelmente vou conseguir isso o suficiente para que possa segurar isso por um minuto.

Isso não parecia que deveria funcionar, mas Cara estava disposta a deixá-lo tentar. Ela segurou o lenço no lugar com a mão oposta, enquanto Gus enrolava a corrente ao redor de seu braço e a atadura improvisada. Quando ele apertou novamente, ele realmente permaneceu no lugar, posta firmemente ao redor de seu braço, mas não dolorosamente apertada.

- Oh. - disse Cara, tirando a mão dele e flexionando o braço experimentalmente. Tudo ficou no lugar. - É perfeito, Gus. Obrigada.

Gus sorriu orgulhosamente, mas disse apenas: - Não, na verdade, pare de agradecer. Vamos.

Ele a ajudou e manteve seu aperto em sua mão, levando-a ao local onde ela o viu pela primeira vez. Ela esperava que algum caminho escondido aparecesse, mas Gus apenas saiu para uma inclinação que era a próxima coisa para ir para cima e para baixo. Parecia pensar que ia segui-lo.

- Uh. - disse Cara, plantando os pés. - Aguarde. Você disse que isso não implicaria a escalada.

Gus olhou para ela com uma expressão de preocupação, os pés plantados em ângulos, os joelhos ligeiramente dobrados.

- Eu sou do Iowa. - Cara deixou escapar. - Onde o terreno é *plano*.

Gus olhou em volta. - Você pode tipo... enquanto você ficar em um nível...

- Não. - Cara disse com firmeza. Ela já teve o suficiente de deslizar pelas as montanhas hoje. - Eu não posso.

Gus olhou para ela e deu um sorriso perverso. - Adivinha, é melhor eu te levar, então. - Cara realmente deu um passo atrás nisso, mas o sorriso de Gus não diminuiu. - Eu não vou deixar você, eu prometo. Eu sou mais forte do que eu pareço.

- Eu posso tentar... - Cara disse.

A última coisa que queria que ele soubesse era o quanto ela pesava. Ela empurrou para frente com determinação, tentando inclinar seu pé na encosta íngreme como ele tinha o dele.

Saiu de baixo dela quase imediatamente. Antes que ela pudesse cair novamente, os braços de Gus estavam ao redor dela, varrendo-a do chão.

Cara estava ciente de que ela tinha feito um barulho, provavelmente um pouco de chiado. Agora ela não conseguiu fazer um som. Ela estava segura nos braços de Gus, olhando seus olhos cinza. Ela podia sentir a conexão entre eles mais forte do que nunca. Ela queria ficar aqui para sempre.

- Eu tenho você. - disse Gus suavemente.

Cara apenas assentiu.

Então Gus deu um passo e ela gemeu novamente, olhando ao redor selvagemmente.

- Aqui. - Gus disse, balançando a cabeça.

Cara viu que eles estavam agora de pé, na encosta de uma árvore resistente.

- Você vai colocar suas costas contra isso para que você possa subir nas minhas costas. - Gus disse. - É mais fácil transportá-la dessa maneira para eu te levar até minha casa. Assim, você receberá ramos em seu rosto.

- Tudo bem. - Cara disse, só porque Gus parecia tão confiante que isso funcionaria. - Sim claro.

Gus sorriu. - Vai funcionar, confie em mim.

No entanto, funcionou. Os pés de Cara mal tocaram o chão, enquanto ela estava pendurada com os braços em seus ombros e as pernas ao redor da sua cintura. Gus endireitou-se debaixo dela e começou a correr, depois atravessando as árvores. Ele se moveu como se estivessem em um terreno nivelado e ela pesava mais do que uma criança.

- Oh meu Deus. - Cara ofegou em sua orelha. Ela logo estava rindo impotente com a velocidade de sua corrida.

Ela ouviu descer atrás deles e percebeu que Mouse estava seguindo-os, um baixo borrão cinzento ao longo do solo.

Gus riu e começou a correr mais rápido, em passos limitados que de alguma forma entravam em todos os espaços claros entre as árvores. Eles pousaram tão levemente com cada passo que parecia como se estivesse voando. Cara gritou como se estivesse numa montanha-russa e se apertasse.

Em pouco tempo, eles estavam explodindo nas árvores em uma suave encosta gramada, e uma enorme casa estava se aproximando ante deles. Parecia quase um castelo, um edifício de pedra com uma torre real em um canto e telhados inclinados abruptos que se encontravam em vários ângulos. Ela podia ver uma grade onde deveria haver uma passarela no topo do telhado da torre.

Gus limitou-se a ir até a varanda, girando e fazendo com que ela risse mais. Cara levantou um braço no ar e gritou em triunfo, como se tivessem acabado de ganhar uma corrida.

Foi só quando Gus parou que viu o Mouse de novo. Ele estava fugindo pelo gramado, de volta para as árvores.

- Oh! - Cara disse, sentindo-se um pouco tonta quando Gus a deixou cair de novo em seus pés. - Mouse...

- Ele está bem. - Gus assegurou, sorrindo e sem parecer sem fôlego. - Todo esse lado da montanha é seu quintal, ele não se perderá.

Cara abriu a boca para dizer mais, mas viu o remendo molhado no ombro de Gus. Ela sentiu um estranho e instintivo medo, pensando que Gus estava ferido, e então percebeu. Ela sangrou pelo lenço e na camisa.

- Oh, Gus. - ela tocou seu ombro e estremeceu com a humidade fofa de sangue. - Eu sinto muito.

Gus olhou para ele e balançou a cabeça. - Não se preocupe com isso, vamos acabar de tratar de você.

Gus pegou sua mão e levou-a às portas da frente. Havia um nome esculpido em pedra acima deles: *Dragomir*.

- Dragomir? Esse é o seu sobrenome?

- Uh. - Gus disse, esfregando a mão livre sobre o cabelo antes de abrir a porta com a mão esquerda e puxando-a para dentro. - Tipo isso. Legalmente, somos Gray á cerca de oito gerações - eu sou Gus Gray, prazer em conhecê-la.

- Cara Linley. - Cara ofereceu, imaginando quantos anos esta casa tinha, se a família de Gus havia mudado seu nome á *oito gerações* atrás. Cara não têm uma casa para ir, ou uma casa em Iowa em nome da sua familia á uma geração para voltar.

Então ela se lembrou dos sinais de que ela tinha passado, apontando-a para a pequena cidade do vale, o que ela havia ultrapassado em favor da vista panorâmica.

- Aguarde, Gray como Gray's Hollow?

- Como eu disse, todos na cidade me conhecem. - disse Gus, soando realmente como se estivesse se desculpando.

Ele puxou Cara pelo vestíbulo da enorme casa. Seus olhos pulavam sobre os tapetes ricos, os reluzentes muros do chão e a escada, a arte nas paredes e as pequenas esculturas nas mesas laterais.

Gus levou-a a sentar-se em um banco acolchoado de um lado da escada e se abaixou em uma porta ao lado que levava a um banheiro.

- Eu também sou o prefeito. - explicou. Ele reapareceu segurando um kit de primeiros socorros e o pousou no banco ao lado dela. Ela levantou o braço para que ele pudesse entrar no corte. Ele manteve os olhos nele enquanto falava. - Eu sou o décimo quarto Mayor Gray em uma fileira. É meio feudal, mas as pessoas continuam me escrevendo na urna e meu irmão Radu se recusa a voltar para casa e concorrer contra mim, então. É o mínimo que posso fazer.

- Radu. - repetiu Cara.

Gus desenrolou a corrente e a deixou cair na mão direita dela. O lenço que ele colocou estava em algum lugar fora da vista.

- Legalmente Raymond. - Gus explicou, e ela pensou que ele estava tentando distraí-la enquanto ele limpava o corte com toalhetes de álcool. - Mas ele se recusa a usar seu nome inglês - Ray Gray, eu concordo, é terrível. Seu gêmeo é Sorin, mas todos o chamam de Sunny.

- Sunny Gray. - disse Cara.

Ela fechou a mão na corrente de ouro enquanto tentava ignorar a picada do corte sob as mãos de Gus. Gus pareceu falhar por um segundo.

- Há uma contradição. - acrescentou Cara, tentando mostrar que estava bem.

- Bem, isso é Radu e Sunny para você. - disse Gus, voltando para isso. Ele abriu uma gaze. - Essa foto ali, eu e todos os meus irmãos, você pode vê-la?

Cara ergueu os olhos e viu rapidamente o que ele queria dizer. Ela percebeu depois de um segundo que não era uma foto com um acabamento fosco fantasia, mas uma *pintura*.

- Nós fizemos isso há cerca de três anos. - disse Gus. Ele estava colocando a gaze no lugar agora. - Depois que nosso pai morreu, eram apenas nós meninos.

A imagem mostrou cinco homens de pé lado a lado, todos em ternos maravilhosamente adaptados. Havia um pequeno intervalo entre Gus, que estava à esquerda e o próximo irmão. Os gêmeos, por outro lado, estavam

tão próximos que estavam tentando se fundir em uma única pessoa. Havia outro irmão entre eles e Gus, que estava com as mãos nos bolsos, um cotovelo que se projetou no espaço vazio que separava Gus do resto. No final da fila, o irmão mais novo tinha sua cabeça inclinada para o ombro do gêmeo de aparência mais feliz.

Parecia que estavam de pé perto da casa, no gramado verde: o fundo mostrava as encostas da floresta subindo por trás deles.

- Aqui. - Gus disse, acariciando seu braço, e ela percebeu que terminou de enfaixa-la.

Ela levantou-se cautelosamente, mas ela não ficou tonta desta vez, e deu alguns passos para olhar mais de perto o retrato.

- Esse sou eu. - Gus disse desnecessariamente, seguindo-a para apontar para sua própria imagem. - E os meninos: Laurence, que visita exatamente duas vezes por ano por mais de três dias por vez, então tivemos que agendar isso ao redor dele - Radu e Sunny, os gêmeos e Teddy. Teo. Ele insiste que ele cresceu e devemos chamá-lo de Teo agora.

- Que família bonita. - disse Cara, para evitar-se perguntar sobre essa pequena lacuna, e o fato de que a casa grande estava perfeitamente tranquila em torno deles e até Mouse não parecia viver aqui com Gus.

- Mas eu sou o mais bonito. - insistiu Gus, sorrindo vivamente. - Não sou?

- Claro. - Cara concordou, e ela percebeu quando ela estendeu a mão para tocá-lo que ela ainda estava segurando a corrente em sua mão direita. - Oh... aqui.

Ela segurou-o para ele, abrindo a mão para devolvê-lo, e seu sorriso brilhante de repente escureceu. Ele olhou para baixo como se estivesse lhe oferecendo um pedaço sangrento de curativo.

- Eu... - ela disse com incerteza, ainda segurando. Teria ficado danificado de alguma forma? Deveria oferecer para substituí-lo? Como ela *poderia* substituir tudo o que pertencia ao homem que era dono desta casa?

- Não, é... - Gus sacudiu a cabeça bruscamente. - Está tudo bem. - Ele pegou cautelosamente de sua mão, balançou a cabeça novamente como se estivesse confuso e depois disse: - Eu... eu deveria mudar minha camisa. Com licença. Se você quiser usar um telefone ou um computador ou qualquer coisa, o escritório é nessa porta. Use qualquer coisa que você precise.

E assim, Gus se virou e quase correu subindo as escadas, deixando Cara sozinha em sua bela casa.

Estúpido, pensou Gus, estúpido, estúpido, estúpido. Claro que ela o devolveu. Ela nem sabia que era um presente.

Cara era humana e não um humano familiarizado com dragões. Ela não sabia o que significava para ele permitir que um pedaço de seu tesouro mais pessoal deixasse seu corpo, como um presente especial.

Ela não tinha ideia de o quanto o seu dragão gostou de a ver adornada com um pedaço de ouro. Ouro que não iria só adornando-la, mas *protegê-la*.

E ela tinha *dado de volta*.

Seu dragão estava dividido entre dano e fúria. Como sua companheira poderia rejeitar um presente de ouro tão docemente, tão descuidadamente?

Gus sabia que não deveria ter deixado Cara o vê-lo reagir dessa maneira. Ele não podia assustá-la. Ele *não podia*. Ela tinha que conhecê-lo melhor antes de descobrir o seu dragão. Ela tinha que confiar nele, para que ela acreditasse que seu dragão nunca a machucaria.

Ele engoliu suas reações instintivas, afastando a fúria, lutando para ser humano. *Mesmo que soubesse o que significava, é a escolha dele. Ela devolveu. Isso é tudo.*

Mas quando Gus abriu a mão, a corrente que ela entregou a ele não era mais que um pó cintilante.

Depois de um momento olhando para a direção que Gus tinha ido, Cara caminhou até a porta que ele havia apontado. O escritório tinha tons desenhados sobre as janelas e as estantes que alinhavam as paredes verdes escuras. Havia uma mesa com um novo computador brilhante, um elegante smartphone que estava ao lado dele.

Ela sentou-se cautelosamente na cadeira de couro da mesa, mas acabou por sentir-se sinalmente confortável, e Cara baixou os poucos graus que se movia, divertindo-se nela. Ela teria matado por essa ergonomia, de volta na empresa onde ela trabalhava como paralegal.

Ela pegou o telefone com curiosidade, assumindo que não conseguiria mais do que a tela de bloqueio, mas abriu-se bem. Ela estava tentada a olhar através dos contatos ou mensagens de texto de Gus, mas resolveu abrir um navegador e buscá-lo.

Gus realmente era o prefeito Gray's Hollow, então verificado. Ele também foi, de acordo com um par de artigos uninformativos ligados a coisas como listas anuais de pessoas mais ricas do mundo, um *bilionário intensamente privado*.

Cara voltou a olhar a sala, de olhos arregalados. Ela percebeu que alguém com uma casa como essa deve ser rico, mas Gus, aparentemente, teve uma fortuna familiar herdada, ninguém poderia realmente adivinhar o tamanho dela. Excepto pela a parte do *bilionário*.

- Tudo bem. - murmurou Cara, puxando o telefone com cautela. - Tudo bem, não espie.

- Engraçado. - Gus disse, e Cara ergueu os olhos, assustada. Ele estava parado na entrada. Sua nova camisa era um azul suave que fazia com que seus olhos parecessem ainda mais brilhantes. - Eu estava apenas me dizendo

isso. - disse Gus. Qualquer que fosse a distância súbita que existisse em sua expressão antes tinha ido agora, e ela sentiu aquele puxar novamente.

- Você estava? - Cara perguntou. O que diabos Gus tinha para a assustar? Ele tinha *tudo*.

Entrou no escritório e depois veio até onde ela estava sentada e ofereceu-lhe a mão dele. Ela pegou e ele a ajudou a subir, e eles estavam tão perto que eles estavam quase se tocando, e ela de repente sentiu-se ainda mais perto.

- Sim. - Gus disse suavemente. - Eu estava me dizendo, ok, você realmente quer que essa mulher goste de você, e você acha que talvez ela goste, mas tente ser legal um minuto.

- Nós, uh... - Cara disse, seu olhar caindo na boca dele. Ela lambeu os lábios. - Nós acabamos de nos conhecer.

- Exatamente. - disse Gus. - Então pensei: jantar?

Cara piscou e olhou para ele.

Gus estava sorrindo um pouco, quase timidamente. Esperançosamente. Como se estivesse oferecendo muito mais do que o jantar.

- Claro. - disse Cara. Seu estômago grunhiu, e ela ficou assustada mas então deu uma risada.

O sorriso de Gus alargou-se. - Sem demora. Venha, a cozinha está abastecida com pelo menos três coisas que eu sei cozinhar.

A cozinha estava na mesma escala que o resto da casa, uma enorme sala de teto alto. O sol já havia caído completamente agora, mas quando Gus acendeu as luzes de alguma forma ainda se sentia como uma cozinha, quente e confortável. Cara sentou em um banquinho, enquanto Gus montou os ingredientes de uma fritada.

Gus casualmente se desculpou por não ter um cozinheiro real na mão para cozinhar para ela. - Não me incomodo quando é só eu na casa.

Ele havia dito que um de seus irmãos só visitava duas vezes por ano - Radu? Não, Radu era um gêmeo. Laurence. Mas Radu recusou-se a morar aqui também, ela não viu nenhuma evidência de nenhum dos seus irmãos morar na casa.

Exceto – ele não disse que Mouse era o cachorro de seu irmão?

- A quem o Mouse pertence?

- Ah. - disse Gus. - Um. Ele é de Ilie. Ilie sempre quis um cachorro quando nós éramos crianças... - e antes que Cara pudesse se lembrar de quem Ilie era na lista de nomes duplos que ele havia contado, Gus lançou uma história sobre as desventuras de Ilie e Gus entraram para - resgatar - um raccoon. Não demorou muito para estar rindo tanto que não podia respirar.

- E você? - Gus perguntou. - Qualquer animal de estimação? Ou irmãos?

- Filha única. - disse Cara, balançando a cabeça e sentindo a dor que sentiu às vezes quando as pessoas falavam sobre seus irmãos do jeito que Gus fazia. Era como ter amigos internos que nunca se afastaram - bem, não até crescerem, aparentemente, embora Ilie deva viver em algum lugar próximo se Mouse fosse dele.

Gus estava esperando que ela falasse sobre si mesma.

- Nós tínhamos um cachorro quando eu estava crescendo. - disse Cara. - Sadie, ela era uma desses grandes cães pastores, como Nana em *Peter Pan*, sabe?

Gus assentiu. - Ela cuidou de você?

- Eu geralmente não era um desafio, eu gostava de me sentar no meu quarto lendo livros - se eu fosse realmente aventureira, eu iria lá fora e leria livros, e Sadie ficaria perto de mim.

Gus sorriu. - Muito leal.

- Ah, sim. - Cara concordou. - Mas uma vez, quando eu tinha nove anos, decidi fugir de casa.

Ela e Sadie haviam feito talvez uma meia milha antes que Sadie se sentasse e se recusasse a ir mais longe. Cara ainda estava parada argumentando com o cachorro quando seus pais a encontraram.

Ela contou a história do jeito que ela sempre contou, então foi divertido - a imagem de Cara, de nove anos de idade, tentando argumentar com um cachorro - e Gus riu em todas as partes certas. Mas sentada com Gus, Cara ficou mais consciente do que nunca da verdade por trás da história. Ela nunca tinha sido suficientemente corajosa para fugir sozinha - não até Sadie ter desaparecido, seus pais se mudaram para outro estado, e não havia ninguém para dizer a ela para ficar.

Então ela finalmente se despediu, e lá estava ela. E agora?

Gus disse-lhe mais histórias enquanto ele cozinhava e enquanto comiam, e ela disse-lhe de volta ação. Suas histórias eram todas sobre crescer em uma família grande, barulhenta, muito unida, em uma cidade cheia de pessoas que o conheciam desde que ele nasceu. A dela pareciam histórias pálidas em comparação. Ela tinha crescido em um subúrbio onde ninguém a conhecia fora de seu bloco, e seus pais tinha vendido a casa assim que ela foi para a faculdade.

Ainda assim, Gus ouviu atentamente. Ele nunca interrompeu, não saltou para contar uma história das suas que fosse ainda melhor, antes que ela terminou com a dela.

E o tempo todo ela estava ciente de estar atraída por ele. Ela queria ele, de uma forma física que ela raramente queria alguém. Pela primeira vez ela tinha certeza de que ele queria ela também. Ele inclinou-se, cada vez mais perto, enquanto comiam. Não gostava que os caras ficassem muito encima dela ou que a intimidasse. Era exatamente como se ele não conseguisse ficar muito longe.

Finalmente, quando eles tinham estado sentados e conversando sobre pratos vazios por um tempo, ele disse: - Então, a sobremesa?

- Gus... - disse Cara. Só havia uma coisa que ela queria para a sobremesa, e não havia nada do que ela queria nos armários da cozinha.

Ela viu os olhos de Gus ir para escuros e com fome, e ele se inclinou sobre a mesa para pegar a mão dela. O contato foi sacudido por sua eletricidade.

Ambos estavam em seus pés, de repente, e os braços de Gus estavam a volta dela. Sua mão deslizou em seu cabelo enquanto ela inclinou a cabeça para trás para olhar para ele e sua boca baixou para a dela.

Cara realmente nunca tinha entendido o que as pessoas queriam dizer sobre beijos soltando fogos de artifício, mas este definitivamente acendeu um fogo. Ela sentiu seu corpo inteiro esquentar com o primeiro toque de seus lábios, e ela abriu-se descaradamente para ele, deixando a língua de Gus saquear sua boca. Ela estava apenas consciente de que ela estava segurando forte a ele, pressionando o mais perto que ela podia conseguir, até que percebeu que ela podia sentir seu pênis pressionando contra ela através das camadas de suas roupas.

Isso foi o suficiente para fazê-la recuar um pouco, ofegante. Os olhos de Gus procuraram pelos os dela e ele deu-lhe outro beijo, apenas um leve toque.

- Talvez eu devesse... mostrar o resto da casa.- Gus murmurou, dando um passo para trás e tomando sua mão.

Ele levou-a para frente da casa. O coração de Cara estava batendo rápido, animado e excitado e ainda sem acreditar um pouco o que ela estava prestes a fazer.

Ela fez o seu melhor para não se distrair novamente com o conteúdo de sua casa, mas seu olho pegou brilhante brilho enquanto passavam uma porta aberta. Ela puxou contra o aperto de Gus para olhar.

- Oh. - disse Gus. - Isso é...

Cara o rebocou atrás dela quando ela andou até a porta da sala. Havia luzes acesas na sala, e as cortinas estavam abertas, por isso provavelmente estava banhada pela luz solar durante o dia, que deve fazê-la brilhar ainda mais brilhante. Tapeçarias com ouro e prata brilhavam entre as cores ricas penduradas lado a lado com as pinturas das crianças encharcando liberalmente em glitter e pinturas em molduras douradas. O resto da sala tinham prateleiras baixas que exibem tudo, desde a escultura revestida em ouro glitter para uma tiara real em um carrinho.

Cara virou-se e olhou para Gus, a boca aberta em uma pergunta sem palavras.

Ele sorriu timidamente. - Chamamos-lhe a sala do tesouro. É... há essa tradição, as pessoas da cidade dão presentes ao prefeito todos os anos. Normalmente... presentes brilhantes. E eles são exibidos na casa por um tempo depois que são dadas. Há caixas dessas coisas nos sótãos, nunca nos livramos de qualquer um dos presentes.

- Acumulador. - Cara diagnosticou com carinho, olhando ao redor da sala cheia de coisas espumantes novamente.

Gus fez um barulho um pouco estranho de asfixia atrás dela.

Ela olhou para ele e sorriu. - Oh, não, você é rico, você não é. As pessoas ricas não são acumuladores, eles são colecionadores. Certo?

- Eu poderia. - Gus murmurou, dando um beijo na parte de trás do pescoço dela que a fez estremecer. - Ser um pouco de um colecionador, na verdade.

- Bem, o primeiro passo é reconhecer que você tem um problema. - Cara disse ele, tentando manter a voz firme.

- Vamos lá, vamos continuar a turnê. - disse Gus, e desta vez Cara não resistiu quando ele a levou para a escada.

Ela queria seus lábios nos dela novamente. Não apenas na parte de trás de seu pescoço. *Em todos os lugares.*

- Segundo andar. - Gus anunciou quando eles chegaram ao topo do lance de escadas e ele a levou imediatamente ao redor para a próxima. - Não é muito interessante apenas os quartos de hóspedes.

Cara pegou alguns vislumbres de mobiliário rico ainda mais opulentos, mas Gus já estava apressando-a para o terceiro andar.

- Quartos dos meninos são esses aqui. - disse Gus, levando-a por um corredor. - Nenhum deles está em casa, por isso também não é muito interessante, mas...

Gus abriu a porta no final do corredor. - Este é o meu.

O espaço que ele revelou era uma longa sala aberta, desordenada, mas brilhante, alinhada com janelas que se refletiam de volta a sala, escondendo a escuridão lá fora.

- Nós poderíamos parar por aqui. - Gus murmurou, apontando para um confortável sofá dobrado entre as mesas e prateleiras. - Ou, se você quiser continuar a turnê...

Cara sabia o que ele queria dizer. Eles poderiam tentar se segurar. Ele não iria empurrá-la, mesmo que ele sentisse a mesma conexão que sentia, e o mesmo desejo.

Ela tinha ido à procura de uma aventura, não tinha? Aqui estava ele. O estranho arrojado, o romance relâmpago.

- Vamos percorrer todo o caminho. - disse Cara, pegando sua mão, e então ela acrescentou maliciosamente. - Lá em cima, eu quero dizer.

Gus riu um pouco e a beijou suavemente novamente, segurando a mão dela apertado. Ela derreteu um pouco mais, mas ele se afastou o suficiente para falar cedo demais. - Todo o caminho, então. Você tem isso.

Eles passaram através da lotada sala que tinha todo o tipo de mesas e prateleiras, empilhadas com livros e pequenas caixas, obras de arte dos mais variados metais polidos e cerâmicas delicadas de vidro colorido lindo e cristal que pegavam as últimas luzes do dia. Havia também algumas cadeiras e sofás entre eles, de modo que Cara podia ver como isso era, teoricamente, uma sala de estar.

Uma escada estreita no final do quarto levou até o próximo andar, que Cara percebeu deve ser a torre quadrada no canto da casa.

O quarto no topo da escada estava completamente vazio, com janelas em todos os quatro lados. Era uma visão estranha. Cara se sentia como se ela tivesse ficado de repente cega ou se ela pisou em um mundo totalmente diferente do resto da casa abaixo deles.

- O que...?

- Este quarto não é necessário agora. - Gus disse apressadamente.

Ele puxou-a para as escadas sem encontrar seus olhos.

Ele a levou até outro voo para o topo da torre, o que acabou por ser seu quarto, mais uma vez cheio de desordem brilhante e tecidos suntuosos. Havia mais tapeçarias aqui, pendurada entre as janelas, e um outro retrato que parecia que continha seus pais, bem como uma multidão de meninos. Gus não lhe deu a chance de olhar para ele, nem para a enorme cama com estrutura em madeira empilhados com travesseiros e, tecidos escuros macios.

Havia uma escada em espiral em um canto da sala. Gus sorriu e levou-a em direção a ela, apontando para ela ir primeiro quando ele finalmente soltou sua mão.

- Você quis levar a sério a frase todo o caminho não é?

Eram cinco andares acima já, mas por que parar agora?

- Todo o caminho. - Cara concordou, e correu até a espiral apertada das escadas. Havia um *alçapão* no topo, e quando ela empurrou-o de volta ela saiu para o telhado dentro do corrimão que tinha vislumbrado a partir do solo. Ele partiu de um espaço quadrado, dez pés por dez pés, com os lados do telhado inclinado para baixo em torno dele.

Cara seu mexeu para deixar Gus segui-la, girando lentamente no local. Ela podia ver as luzes da cidade no vale, e as formas escuras das árvores. O próximo cume era negro contra o azul escuro, escuro do céu ocidental.

Gus deu um passo atrás dela, envolvendo os braços em volta da sua cintura. Ele deu um beijo apenas atrás da orelha. - É este o suficiente para você?

Cara balançou a cabeça e se atreveu a chegar de volta, colocando os braços em volta de seu pescoço. - Eu disse todo o caminho, Gus.

- Cara. - Gus murmurou, seus lábios arrastando contra o ponto do queixo e fazendo-a tremer. Ela manteve os braços para cima, deixando-se aberta a seu toque. - Cara, minha, toda minha.

- Toda sua. - Cara sussurrou, e ela fechou os olhos enquanto as mãos de Gus começaram a deslizar, viajando sobre a suavidade de sua barriga para seus seios.

O sentimento foi abafado pelas camadas de sua camisa e sutiã. Ela arqueou as costas, pressionando em suas mãos e desejando que ela estivesse nua já. Ela queria sentir o calor do seu toque em sua pele.

Ela podia sentir sua buceta ficando quente e lisa. Quando ela pressionou seus quadris para trás contra Gus, seu pênis estava duro contra ela. Ele beijou o lado de sua garganta enquanto acariciava seus seios através de sua camisa, manuseando seus mamilos.

Cara gemia. - Gus, por favor, eu preciso de você.

- Não tanto quanto eu preciso de você. - Gus murmurou, sua respiração quente em sua garganta. - Aqui, sente-se, deixe-me tocar em você.

Ele a trouxe até um banco em uma borda do telhado, onde ela poderia se inclinar para trás contra a grade.

- Olhe para cima. - disse Gus, caindo de joelhos diante dela e empurrando suas coxas. - Quantas estrelas que você vê?

Cara abriu as pernas, deixando-o aproximar-se, com as mãos correndo por suas coxas até os quadris. Ela mal conseguia desviar o olhar para olhar para o céu escuro. Era uma noite clara, e ela podia ver muitas estrelas. The Big Dipper, pelo menos, e mais ela não sabe os nomes de todas as constelações. - Grande quantidade.

Os dedos de Gus escorregaram sob a parte inferior de sua camisa, roçando a pele macia de seus lados. Cara ergueu os braços acima da cabeça no convite silencioso e Gus sorriu.

- Vou fazer você ver ainda mais.

Cara riu, mas ela acreditou nele. Ele levantou-se de joelhos para descascar sua camisa para cima e fora, deixando o ar quente da noite tocar sua pele. Ele deu um beijo de luz no curativo na parte de trás do seu braço, os dedos alisando a fita em um canto. Ele deixou cair sua camisa e se inclinou para enterrar seu rosto contra seus seios, lambendo e acariciando, puxando para baixo as taças de seu sutiã. No primeiro toque quente de sua língua sobre o mamilo, Cara gemeu novamente, agarrando seus ombros com as duas mãos.

- Continue procurando. - Gus admoestrou e então ele usou os dentes, de ânimo leve.

Cara não podia deixar de moer seus quadris contra o banco. Ela estava tão quente e molhada, tão perto de vir apenas da boca de Gus.

Ela engasgou um pouco quando seu sutiã veio para baixo. Ela ainda não tinha notado que as mãos de Gus estavam trabalhando na atrás dela, mas ela se inclinou para ajudá-lo a colocá-lo fora.

- Tão linda. - Gus murmurou contra sua pele, lambendo seus mamilos, suas mãos chegando para embalar o peso de seus seios pesados. - Então exuberante, você é como veludo.

Cara riu sem fôlego, pensando em todos os tapetes e tapeçarias que enchiam a casa de Gus. - Outro tesouro, hein?

Gus puxou para trás, olhando para ela sério, seus olhos de prata de alguma forma pegaram o pouco de luz que foi deixado no céu ocidental e pareciam brilhar em prata líquida - A joia da coroa, Cara. Nada menos.

Ela estremeceu com isso, porque Gus não era um homem que deixava seus tesouros ir. Ele manteve um escultura de um picolé, o que ele faria com uma joia da coroa?

Nunca a deixaria ir, pensou Cara, e a certeza que ela sentia era tudo de uma vez o mais assustador e a coisa mais segura que ela já conheceu.

Ela colocou os braços ao redor dos ombros de Gus e trouxe sua boca de volta ao peito. As mãos de Gus estavam em seus quadris novamente, e agora uma deslizou entre suas pernas, pressionando através de seus jeans. Ela não podia deixar de moer contra ele, precisando do atrito, a pressão. Precisando mais do que isso.

- Sim, Gus, por favor, mais, mais.

- Tudo o que você pedir. - disse Gus, sacudindo aberto o botão da calça jeans e deslizando o zíper para baixo. - Qualquer coisa que você pedir, Cara.

Ele empurrou seu jeans para baixo, e ela empurrou-se para esquivar-se deles, deixando-o puxar a calcinha para baixo junto com eles. Elas ficaram paradas em suas coxas, dando apenas espaço para Gus ficar entre elas, mas ela não queria esperar mais para ele poder tirar o resto.

Ele não deixou. Ele deslizou a mão entre as pernas dela, mexendo através dos cachos úmidos em sua virilha para encontrar onde ela estava mais molhada e mais quente. Ele acariciou sua buceta enquanto sua boca arrastou para baixo de seus seios sobre a barriga, mais abaixo, quente contra sua pele.

Sua língua encontrou seu clitóris enquanto ao mesmo tempo dois de seus dedos pressionaram dentro dela, acariciando apenas para a direita. Ela inclinou a cabeça para trás, agarrando o corrimão atrás dela com uma mão e ombro com a outra. Ele trabalhava apenas para a direita, não demasiado atrevido, mas não timidamente.

O calor que sentira entre eles que durou até agora, já a consumia. Ela gritou desamparadamente para o céu escuro, estrelado, chegando em seus dedos e língua.

Ele moveu-se para o banco com ela, beijando-a. Provou-se em seus lábios ela gemeu, estendendo a mão para ele. Ela tirou seus pés para fora dos seus sapatos e chutou a sua calça de brim enquanto ela puxava as suas roupas. Ela queria mais. Ela queria *tudo*.

- E quantas estrelas você vê agora? - Gus murmurou em seu ouvido, sua voz quente e baixa.

Ela abriu os olhos e suspirou. Parecia que cada lugar que ela olhava, o céu encheu-se com o brilho fraco de estrelas - todo lugar escuro, ela olhou, ela podia ver outra constelação.

- Gus, é lindo.

- É preciso um pouco de tempo para os seus olhos se adaptar. - ele murmurou. - Mas sinta-se livre para acreditar que fiz isso apenas para você.

Cara riu e voltou seu olhar de volta para ele. Seus olhos cinzentos pareciam tão brilhantes como estrelas e muito mais quente. Ela arrastou-se mais firmemente em sua camisa e disse: - E o que eu posso fazer por você?

Gus sorriu, largo e cheio de dentes. - Oh, querida, você já fez.

Ele a beijou novamente e tirou sua camisa escura suave, revelando as jóias que tinha estado escondidas debaixo. Havia duas correntes de ouro fino ao redor de seu pescoço, quase delicadas. A placa de ouro pendia de uma que a fez lembrar por um instante a tag com o nome de Mouse. O outro tinha uma pedra redonda escura. Havia outra corrente de ouro em volta do seu pulso esquerdo, entrelaçando-se quase até o cotovelo.

- Você não é apenas um colecionador. - ela murmurou, tocando suas coisas brilhantes. Ele não tinha colocado a cadeia que ele tinha enrolado em seu braço para trás, mas ele claramente tinha muitas outras. - Você é um coletor.

- Eu sei o que eu gosto. - Gus murmurou, beijando sua garganta enquanto ela estendeu a mão para o botão da calça jeans. - Coisas bonitas. E quando eu as encontro, eu gosto de mantê-las perto.

- Mais perto do que isso? - Cara perguntou, deslizando o zíper para baixo, sentindo a imprensa de seu pênis por trás dele.

Ela enfiou a mão na boxer sem se preocupar em apertar as calças abaixadas, envolvendo sua mão ao redor de seu pênis. Deus, ele era grande. Ela ainda sentiria ele amanhã, toda vez que ela se senta-se.

Se eu estiver de volta no meu carro... Ela afastou o pensamento.

Ela tinha Gus agora, e ele a tinha.

- Eu vou chegar tão perto quanto você quiser. - Gus murmurou, empurrando a mão nos bolsos de sua calça jeans quando Cara deu a seu pênis um acidente vascular cerebral experimental. Ele veio com uma carteira fina e extraíndo um preservativo. - Só assim tão longe.

Ela queria dizer a ele que ele não tem que ser ainda tão longe, mas ela pegou as palavras antes de falar. Claro, ela tinha o controle de natalidade, mas ela só o tinha conhecido hoje.

Ela assentiu com a cabeça. Gus colocou o pacote de preservativo entre os dentes e empurrou as calças para baixo, deixando-a vê-lo adequadamente nu.

Ele era lindo, seu pênis projetando-se a partir de um arbusto de cabelo encaracolado entre as pernas. Ele só tinha um pouco de cabelo no peito, e quase nenhum em qualquer outro lugar. Ela podia ver as linhas de seus músculos rijos por todo o corpo.

Ele rolou a camisinha enquanto ela observava. Ela não podia deixar de mergulhar seus dedos em si mesma, enquanto observava-o embalar seu próprio pênis. Ele fez um pequeno som de saudade e recuou para beijá-la novamente.

- Deixe-me levá-la de novo, hm? - Gus murmurou.

Sentou-se ao lado dela no banco e pegou a mão dela, puxando-a. Ela foi onde ele queria que ela ficasse, muito além de pensar em como ela parecia quando ele a montou. Suas mãos afundaram em seus quadris quando pressionou o rosto no balanço de seus seios pesados, lambendo e acariciando novamente onde eles eram tão sensível agora.

Ele deixou ela envolver a mão em torno de seu pênis, firmando-o quando ela deslizou para baixo sobre ele. Ele gemeu quando ela o levou em sua boceta, combinando o som que ela fez quando ele a encheu, profundo, quente e duro.

Suas mãos a guiaram para baixo, silenciosamente incentivando-a a tomar cada polegada de seu pênis. Gus a encheu tão completamente que

ela mal conseguia respirar sem chorar, mas ela precisava de cada pedaço dele. Ela precisava senti-lo profundamente dentro dela.

Cara se inclinou sob suas mãos, até que ele estava pressionando exatamente onde ela precisava dele. Ela já se sentia à beira de entrar novamente quando ela se levantou apenas para deslizar de volta para baixo em cima dele. Suas mãos lhe disseram o que ele queria, mas ela definiu o ritmo, montando-o mais rápido e mais rápido.

Ela veio em seu pênis com a boca em seus seios, uma vez e depois de novo e de novo ou talvez apenas foi uma vez com várias replicas. Ele parecia durar para sempre, antes que ele finalmente apertou sua mão e arqueou-se debaixo dela. Ele veio com o nome dela nos lábios, e Cara beijou-o por isso.

Minha , pensou Gus, quando ele pode pensar em palavras em tudo, cheio de contentamento quente de seu dragão.

Toda minha. Ele disse. Toda minha e ela está feliz.

Jantar e sexo pode não ser um presente adequado de um dragão, mas ele tinha dado a ela, e ela os aceitou. Eles poderiam trabalhar seu caminho até o ouro.

O peso de Cara repousava sobre ele, que se rendeu na sequência do seu último orgasmo, a respiração ainda rápida contra seu ombro. Suas mãos percorreram preguiçosamente sobre a suavidade de sua pele, as amplas, curvas incansáveis de seu corpo, generosas curvas e completamente bonitas.

Ela era sua companheira. *Sua* .

Logo ela iria entender, e então ele iria armar-la em ouro, joias, tudo o que ela poderia querer. Tudo, exceto roupas, que só ficam no caminho. Lençóis de seda, embora...

Em seguida, seu pau amolecido soltou dela e ele se tornou consciente do preservativo que ele estava usando. Não era apenas um pouco pegajoso e desagradável, mas um lembrete de que ela *não era* sua ainda. Não inteiramente. Nenhum deles tinha prometido nada. Ainda não.

A sala vazia abaixo - um cofre com nenhum tesouro para segurar, um por preencher - puxou por ele. Ainda assim, ele ficou onde estava, apreciando tanto quanto ele tinha e conseguiu segurar agora. Cara estava quente em seus braços, e seu peso estava confiando ao seu corpo.

Quando ela se moveu, ele a ajudou a sentar-se e aceitou seu beijo suave, contente.

- Nós devemos ir. - ele murmurou. - Você não quer dormir aqui fora.

Ela assentiu com a cabeça e se levantou. Era mais cedo do que ele teria gostado de deixá-la ir, mas ele sabia que não podia segurá-la no lugar pela força.

Quando ela estava em seus pés, ele ficou também, afastando-se para amarrar o preservativo e lançá-lo no balde mais próximo de areia dos quatro postos nos cantos do telhado. Ela estava olhando para ele, seu peso deslocado incerto sobre um pé, suas roupas em suas mãos.

Ele sorriu suavemente e disse: - Eu vou primeiro para descer as escadas, para que possa cair sobre mim se você tropeçar.

Ela sorriu de volta e o deixou mostrar o caminho, mas ambos fizeram o caminho sem incidentes. Ele ainda podia sentir seu sexo. Ele gostava que ela não tinha colocado as roupas novamente, não gostava que ela estava segurando-as, mas foi até ela.

- Se você desejar se limpar. - disse ele, e apontou para o banheiro.

Cara assentiu, emitiu outro sorriso tímido, e desapareceu lá dentro, fechando a porta suavemente atrás de si.

Gus foi para a porta oposta, seu armário, e tirou um par de calças de pijama de seda, puxando-os com nada por baixo. Depois de um momento de consideração tomou o pijama combinando. Era cortado generosamente o suficiente para fazer uma curta camisola para Cara, se ela quisesse. Ele

colocou-a no pé da cama e, em seguida, foi colocar-se ao lado da janela, olhando para uma forma mais escura no céu escuro.

Mouse encontrou seu telefone , Ilie informou.

Gus estreitou os olhos para pegar a curva de uma asa, preto no preto .

Vou trazê-lo mais tarde. disse Ilie. *Se agora... é um mau momento.*

Gus bufou com polidez de Ilie e olhou para a porta do banheiro assim quando ele ouviu o chuveiro ligado. *Tudo certo. Venha agora.*

No meu caminho, Ilie concordou.

Gus correu de volta até a escada em espiral para o telhado. Ilie estava deslizando em todo o gramado quando Gus saiu para o telhado, e Gus ficou chocado com a súbita explosão de fúria que sentia, chama-quente.

Gus? Ilie perguntou, desviando-se da raiva de Gus.

Gus pressionou ambas as mãos, e nada de garras, nada de rasgar, nada da lutar para defender seu companheiro - em seu rosto. Seu rosto humano. Ele deve estar humano para Cara, e igualmente ele não deve mudar com Ilie tão perto. Ele não deve lutar com Ilie sobre Cara, ou sobre qualquer outra coisa.

Desculpe , Gus respondeu. *Ela é minha companheira, mas, ela não aceitou quaisquer dons próprios . Eu devo protegê-la contra qualquer um que chega perto.*

Ilie não disse nada, apenas voou mais longe em alguns grandes varreduras de suas asas negras. Quando ele estava no meio da montanha, Gus ouviu sua voz novamente. *Vou mandar Mouse.*

Obrigado , Gus disse ele, sentindo-se subitamente desesperadamente só. Ele não tinha Cara, no entanto, não realmente, e até que ele fez, ele não poderia estar perto de seu irmão, também. Era bom que o resto dos rapazes estavam em segurança fora da cidade agora, embora eles geralmente estavam por ali estes dias.

Não deixe que ninguém pegue em seu carro, ok? Gus se lembrou de perguntar.

Ninguém vai mexer, Ilie assegurou-lhe, e então ele estava totalmente perdido no escuro.

Quando Cara saiu do banheiro, Gus estava longe de ser visto. Ela estava enrolada em uma toalha que não cobria muito, o cabelo mais ou menos seco e penteado, e ela conseguiu gravar uma nova bandagem no lugar em seu braço, embora o corte parecia ter parado de sangrar.

Ela sorriu com a visão do pijama que deixou em sua cama, trocando a toalha por ele. Era pecaminosamente suave contra sua pele, tão suaves que sentiu quase líquido em todos os lugares que tocava. Ela fez um punhado de botões, deixando-a apenas mal cobrindo seus seios. A batinha passou raspando o topo de suas coxas, mas ainda se sentia menos precário do que a toalha.

Ela pegou a toalha de volta para o banheiro para pendurar, e quando ela saiu para o quarto novamente, Gus tinha reaparecido. Ele estava parado em frente ao retrato de família que ela tinha notado antes, vestindo apenas um par de calças de pijama de seda que combinava com o topo que ela usava.

Cara caminhou até ele, e ele sorriu para ela, chegando a dobrar contra seu lado. Seu sorriso era fraco, quase do jeito que ele parecia antes que ele tão de repente se afastou dela lá embaixo. Ele não estava indo embora, desta vez, no entanto.

Ela olhou para o retrato e pensou a princípio que deve ser a perda de seus pais que ele estava pensando, mas então ela percebeu outra coisa.

Não houve diferença na multidão de meninos, e havia *mais* meninos do que no retrato lá embaixo. O pequeno Teddy estava pendurado no quadril da mãe, apenas uma criança, e o resto deles estava no fim idade. Gus era o mais alto, talvez doze anos de idade, e havia *dois* meninos mais novos entre ele e os gêmeos. A diferença no retrato no térreo era o espaço que tinha pertencido ao irmão próximo mais novo de Gus.

Cara estendeu a mão e tocou a imagem do menino; seu sorriso parecia duro e incerto, mas Gus e Laurence cada um tinha um braço em volta dele.

- Isso é Ilie. - Gus disse calmamente. - Eli é o seu nome Inglês, mas ele, ele é mais um Dragomir do que qualquer um de nós.

- Ele não está no retrato lá embaixo. - Cara percebeu. Ele não era um dos aqueles cujos nomes ele tinha dito a ela quando ele estava apontando. Mas Mousse era dele, então ele tinha que estar aqui em algum lugar.

- Ele está, na verdade. - disse Gus. - Só que.... mais longe do que o resto de nós, de modo que é difícil de detectar. Ele é diferente, mas eu espero que eu possa apresentá-lo algum dia em breve. Ele vai gostar de você.

- Será que eu vou gostar dele? - Cara perguntou, e depois, observando para ver se era seguro provocar um pouco. - Eu vou achar que ele é mais bonito do que você? É por isso que está nos mantendo separados?

Gus deu uma risada de surpresa e virou-se para beijá-la. Cara sentiu seu corpo despertando a ele, apesar do tempo completamente satisfatório que tinham tido no telhado.

- Eu não sei, você poderia. - disse Gus. - Eu vou ter a certeza de que você está realmente ligada a mim antes de eu deixá-la vê-lo.

- Eu vou estar mantendo meus olhos abertos. - Cara disse a ele.

Seja o que for que Gus poderia ter dito foi interrompido por um cachorro latindo.

Parecia longe, mas Gus virou a cabeça em direção ao barulho, e Cara foi lembrada novamente de como tranquila a casa grande era e... vazia.

- Isso é o Mouse. - disse Gus. - Devemos ir ver no que ele está metido.

Cara assentiu, e Gus levou-a para baixo e para baixo e para baixo de novo, a torre acabou por ter a sua própria escada que soltou do outro lado da varanda, de onde eles vieram para fora da floresta.

Mouse estava sentado bem ali, e quando eles apareceram pousou algo que ele estava carregando em sua boca. Gus inclinou-se e apanhou-o, limpando-o em suas calças de pijama antes de ele se virar para Cara.

Era seu telefone, com uma enorme fenda na tela como um relâmpago.

- Se este é seu. - Gus disse: - Eu vou ser feliz para lhe comprar um novo.

- Eu pensei que ele tinha ido embora para sempre. - disse Cara, religando o telefone, que apesar da tela rachada, ele realmente iluminou, mostrando sua tela de bloqueio de costume. Ela ergueu os olhos para Mouse, tentando imaginar como ele tinha chegado a onde quer que seu telefone havia pousado, e como ele tinha conhecido trazê-lo para ela.

- Foi Ilie que o mandou trazê-lo de volta?

Gus abriu a boca, fechou-a, e, em seguida, assentiu. - Sim. Ilie também viu você cair e me disse onde encontrá-la, na verdade.

Isso foi... um pouco estranho, mas também doce. Se não soubesse por onde vir e encontrá-la, ela ainda poderia estar sentada nessa borda sob o mirante. - Bem, então quando nós o encontrarmos, eu provavelmente devo-lhe um grande...

Gus deu-lhe um olhar sombrio e Cara sorriu. - Abraço. Claro.

- Vá para casa, Mouse. - Gus disse, envolvendo um braço em volta da cintura de Cara. - E você ... vai ficar?

- Eu realmente não vejo porque não! - disse Cara, enganchando uma perna nua em torno das de Gus, sentindo o delize do material contra o interior de sua coxa.

- Bom. - Gus concordou, e isso era a última coisa que qualquer um deles disse por um tempo.

Cara acordou no meio da noite, debaixo do braço de Gus em sua cama enorme. Ele tentou segurar quando ela se contorcia para longe.

- Eu vou voltar. - ela sussurrou. – Volte a dormir.

Ele a soltou, e ela foi capaz de visitar o banheiro sem ele protestando.

Quando ela terminou ela não podia afastar aquela sensação que a inquietava. Em vez de voltar para a cama onde Gus estava dormindo em uma onda solta, nua, ela caminhou descalça descendo as escadas.

Ela parou na sala vazia abaixo, o espaço aberto a fez mais consciente da sua nudez do que ela tinha sido. Ela colocou o queixo para cima e caminhou até o outro lado da sala, só porque ela podia. Ela foi recompensada com a visão da lua crescente para fora das janelas do leste, lançando uma luz fria para a sala.

Ela encostou a testa no vidro e olhou para fora, imaginando o que ela estava fazendo aqui.

Ela tinha certeza de que, quando Gus disse que ele queria que ela ficasse, ele significava *ficar* . Ele cresceu cercado por pessoas, mas todas elas tinham ido para longe dele, deixando-o sozinho nesta casa enorme. Ele queria ela aqui. Ele queria...

Cara olhou ao redor do quarto vazio de novo, e de repente caiu no lugar, um pequeno grupo de linhas que viu no peitoril da janela eram apenas a confirmação. Ela ajoelhou-se para olhar mais de perto, e com certeza, as linhas foram rotulados em linda escrita cursiva: *Augustin, 2 anos - Ilie, 2 anos Teodor, Radu, Sorin, Laurentiu* . A escrita infantil tinha sido corrigida esse último para *LAURENCE* .

Este quarto vazio era o viveiro. As crianças de Gus estariam vindo para dormir aqui um dia. Gus tinha enchido cada outro quarto de sua casa, ele gostaria de preencher este também. Ele iria querer uma família como a que ele tinha crescido, um bando de crianças para preencher este lugar.

Cara passou os dedos sobre o conjunto de nomes e pensou em sua própria família. Ela não tinha perdido seus pais, realmente. Ela os visitava duas vezes por ano, durante uma semana sufocante no verão e uma nevada estranhamente no Natal. Eles falavam ao telefone de vez em quando, lhe

contando sobre os seus amigos e as suas viagens de golfe e sua vida que não tinham nada a ver com ela, como se uma vez que ela tinha dezoito anos e deixou a casa, eles tinham terminado com ela. Ela não tinha ninguém.

Mas ela poderia ter Gus. Ela poderia ter uma família aqui, completa com um irmão estranho que vivia na floresta e mais de quatro espalhados pelo mundo. Mouse. Crianças. Uma vida e um futuro onde ela tinha pessoas para pertencer, coisas para mantê-la em um lugar. Algo para segurá-la.

Ela sentiu o vazio do quarto em torno dela novamente, e ela estremeceu um pouco e colocou os braços em torno de si, querendo braços de Gus segurando-a mais do que ela queria roupas. Quando ela se virou e encontrou-o de pé no fundo das escadas, calmamente assistindo ela, não era mesmo uma surpresa.

Ela correu para ele, e ele a abraçou com força e depois a pegou em seus braços.

- Voltemos para a cama? - Ele murmurou.

Cara colocou os braços em volta do pescoço e descansou a cabeça em seu ombro. - Onde mais?

Cara colocou as suas roupas do dia anterior para Gus leva-la para obter o seu carro. Ele acabou por conduzir um SUV básico bonito, com vários anos de idade.

- O que, sem BMW? Não... - Cara não poderia sequer pensar em uma fantasia de carro o suficiente.

- Um carro é apenas um carro. - disse Gus, encolhendo os ombros. - Uh, também as colinas fora daqui não são um lugar para carros caros, especialmente no inverno. Os bons carros estão na casa em Mônaco.

- ... Mônaco. - repetiu Cara. - Oh. Claro.

Gus ofereceu-lhe um sorriso nervoso, como se ele fosse o único que achasse aquilo descontroladamente inadequado. - Eu quase nunca vou para lá. Laurence e Teddy – Teo – usam principalmente aquela casa. Eu gosto daqui. Este é o lar.

Lar. Cara assentiu, e olhou para fora da janela para a floresta para o par de minutos que levou para chegar ao seu carro. Ela não parava de olhar para a floresta enquanto seguia Gus de volta para casa, em busca de um vislumbre de Mouse ou Ilie.

Mas ela viu nada além de árvores e o pára-choques de Gus, e então era hora de se vestir e ir para a cidade para comprar um novo telefone celular. Gus levou-os até o vale em seu SUV, e estacionou atrás de um muito antigo edifício de pedra que acabou por ser a Câmara Municipal, onde naturalmente Gus tinha um espaço de estacionamento reservado.

- Você precisa ir para o trabalho? - Perguntou Cara, abruptamente lembrado que nem todos no mundo tinha parado seus trabalhos e fugido de toda a sua vida. Gus era o prefeito aqui. Ele tinha responsabilidades.

- Não é verdade. - disse Gus, sorrindo. - O trabalho sempre me encontra quando ele precisa de mim.

Cara rapidamente descobriu que ele quis dizer: eles não tomaram uma centena de pés de carro de Gus antes que alguém gritou: - Mayor Gray!

Gus pegou firmemente a mão de Cara quando ele se virou. - Olá, Sra McCullough. Tudo certo na loja?

- A multa da loja, querido. - disse a Sra McCullough, que tinha pelo menos oitenta anos de idade e cujos olhos afiados fizeram uma digitalização atentamente sobre Cara. - Mas como está você? Eu não acredito que eu conheço a sua amiga.

Gus atirou um olhar de desculpas e mexeu com a boca *cidade pequena*.

- Esta é a Cara Linley. - disse Gus. - Ela é de Iowa, ela está à procura de um novo lugar para se acalmar.

- Bem, querida, você não pode bater oco de Gray. - Mrs. McCullough disse imediatamente, com um sorriso ofuscante. - E você não pode soltar o Prefeito Gray, também. - Isto foi seguido por uma piscadela que fez Cara corar um pouco, mesmo que ela concorda-se.

- Obrigado por esse voto de confiança, senhora. - disse Gus, e Cara podia ouvi-lo lutando para não rir. - Mas eu só conheci Cara ontem. Não vamos apressá-la em qualquer coisa.

Ele estava segurando firme em sua mão quando ele disse isso, apesar de tudo.

Sra McCullough sacudiu a cabeça. - Sua mãe e seu pai decidiram isso no momento que levou para derramar-lhe uma xícara de café, meu jovem. Eu não sei por que você acha que precisa de mais de um dia.

Gus atirou a Cara outro olhar para os lados, e Cara sorriu e apertou a mão dele.

- Eu não vou a apressar senhora. - Gus insistiu, voltando a olhar para a Sra McCullough. - Vamos dar a ela até depois do almoço, pelo menos.

- Você arrastou seus pés o tempo suficiente, prefeito. - Mrs. McCullough disse severamente, mas ela acrescentou, - Um prazer conhecê-la, querida. - a Cara antes que ela volta-se para o outro lado da rua para uma loja de florista.

- Desculpe. - Gus disse, apontando-los em direção a uma loja de eletrônicos surpreendentemente elegante - para uma cidade tão pequena. - Isso... pode acontecer novamente.

Foi o que aconteceu oito vezes no tempo que levou Cara para escolher um novo telefone.

Ninguém iria deixa-la ir com nada menos do que, o mais novo, mais brilhante com todas as melhores características, mas antes houve algum debate sobre exatamente qual era o melhor. Ela ouviu quatro vezes diferentes sobre a mãe de Gus derramando a seu pai uma chigará de café antes de decidirem ficar juntos.

Ela não conseguia decidir se isso fez a sua conexão com Gus ser mais estranha. Ele não explicou por que ele parecia disposto a saltar à mesma conclusão, no entanto. Ele deve ter ouvido essa história sobre seus pais toda a sua vida, e ele estava esperando por uma garota vir e dar-lhe uma história dessas para si mesmo.

Ela não conseguia descobrir por que era ela, mas quando Gus a apresentou depois a outra, sempre com orgulho, sempre segurando firmemente a mão dela, ela não podia negar que ele quis dizer isso.

Ninguém, vendo-a limpa, mas ainda com as suas roupas de viagem, parecia pensar que havia algo estranho sobre Gus escolhendo ela. Nenhuma pessoa fez uma observação mais velada sobre como Gus poderia ter tido alguém mais bonita, ou magro, ou mais rico, ou mais interessante.

A cidade inteira deu uma olhada em Gus segurando a mão dela e pareceu decidir tão rapidamente como Gus que eles eram perfeitos juntos. Cara não sabia como reagir a nada disso, mas era bom. Muito bom. Um conto de fadas agradável.

Ela não tem que ir para Mônaco para se sentir como uma princesa, aparentemente. Gus Gray já estava lhe tudo com o que ela poderia lidar.

Perguntou-se se Gus se importaria que ela experimentasse aquela tiara que ela tinha visto no dia anterior na sala do tesouro.

Eles mal tinha pisado fora da loja de eletrônicos, Cara com um telefone novo brilhante na mão, quando uma mulher se apressou-se. Ela era um par de polegadas mais baixa do que Cara com curvas igualmente suaves, embora a dela estavam firmemente contida em um terninho. Ela tinha cabelo vermelho escuro preso em um coque e usava óculos escuros contra a manhã brilhante.

- Prefeito. - disse ela com firmeza.

Gus apertou a mão de Cara e, pela primeira vez no desfile de interrupções e introduções que tinha sido a sua manhã, ele suspirou. - Cara, a vice-prefeita Hannah Cole. Eu acho que mencionei que o trabalho iria me encontrar, não foi? Vice-prefeita, Cara Linley.

Cara não podia ver os olhos de Hannah por trás de seus óculos de sol, mas seu sorriso parecia quente, e sua voz era realmente apologético quando ela disse. - Eu sinto muito, senhorita Linley, eu só tenho que roubar o prefeito é o Conselho Estadual de Ed, Gus, e a diretoria da escola está tentando chutar tudo para você de novo.

Gus suspirou mais uma vez e virou-se para Cara com um olhar igualmente de desculpas.

Cara sorriu e balançou a cabeça. - Está tudo bem, vá. Eu só vou... voltar para casa.

De jeito nenhum ela ficar na cidade para ser interrogada *sem* Gus.

Gus pegou suas chaves, pronto para oferecer-lhes a ela, mas Cara acenou-los. - Eu passei tempo suficiente conduzindo recentemente. Vai ser bom ir em algum lugar que eu possa caminhar.

Gus deu-lhe um sorriso caloroso assustado com isso, e se inclinou para beijá-la suavemente.

- Há uma trilha, se você não quiser andar na estrada. - disse ele, apontando para o final da próxima rua transversal. - Há um sinal que diz "Casa do Perfeito" para a casa do prefeito, você assim não se perde. - Cara assentiu, e Gus deu-lhe mais um beijo, inclinando-se para sussurrar. - Eu estarei em casa logo que eu puder, querida.

Cara mordeu o lábio contra o calor tonto ela sentiu naquele momento, e só sussurrou de volta. - Eu estarei esperando por você, baby.

Gus sorriu quando ele se endireitou, e então ele virou-se para Hannah e disse obedientemente. - Lidere o caminho, adjunta.

Cara se dirigiu pela rua que Gus tinha indicado, e embora sentisse muita olhares dirigidos em sua direção, nenhum deles parecia cruel, e ninguém estava pressionado ela. Ela quase atingiu a trilha quando ouviu alguém correndo atrás dela. Ela se virou para ver um adolescente, brandindo um buquê colorido de flores. Elas não eram rosas, mas uma profusão de lírios coloridos e orquídeas, raras e exóticas flores de estufa.

- Sra. M diz, bem-vinda a Gray Hollow, Senhorita. - O menino recitou timidamente, segurando-as para ela como uma oferenda.

Cara resistiu ao impulso de fazer uma reverência quando ela as tomou.

- Obrigada. - disse ela. Gus tinha dito algo sobre pessoas que costumam estender seus presentes á mulher do...

Seu cérebro ficou um pouco em branco com pensamento das pessoas na cidade já acharem que ela era a mulher do Mayor Gray, e ainda assim parecia quase isso. Ela afastou o pensamento e cheirou as flores lindas quando ela começou a descer a trilha bem cuidada, que subiu a encosta para a casa de Gus em uma série de ziguezagues suaves. Ela virou-se duas vezes quando ouviu um latido amigável familiar, e Mouse bateu para fora das árvores.

- Olá. - disse Cara, e ela fez uma reverência para Mouse.

Ele dançou alegremente em frente a ela, lançando-se para ser acariciado quando ela estendeu a mão. Depois de um momento ele se estabeleceu em ao seu lado, e Cara riu.

- Você está aqui para se certificar de que não me perca? - Ela perguntou.

Então ela percebeu que Mouse estava ali para guiá-la com segurança até a casa, era provavelmente porque Ilie estava fazendo a mesma coisa, em algum lugar fora da vista, da mesma forma que Ilie tinha visto sua queda e encontrou seu telefone para ela. Enquanto se aproximava o próximo turno até a trilha, Cara olhou em volta, tentando identificar a forma de alguém por perto nas árvores.

- Ilie? - Ela chamou enquanto ela dobrava a próxima vez. O caminho era direto até aqui, havia um lance de escadas, com uma grade, e que parecia ser uma compensação maior, mais plana no topo. Cara respirou fundo e começou a subir-las, ainda olhando ao redor.

- Ilie? - Ela tentou novamente. - Se você pode me ouvir, eu adoraria vê-lo. Gus disse que está animado para nos encontrarmos.

Mouse tinha estava se mantendo no ritmo, ao seu lado, enquanto subiam as escadas, mas alguns segundos depois que ela terminou de falar, ele começou a latir e foi arrancando ao topo. Era difícil ouvir sobre o latido, mas ela pensou ter ouvido algo acima, algo *grande*, algo que agitou os ramos das árvores.

Cara correu também.

Ela congelou no topo da escada, segurando o corrimão e suas flores como elas iriam protegê-la.

Havia uma coisa, uma coisa impossível, na clareira lá. *Asas*, pensou primeiro, e então ela pensou, *dragão*.

Assim como nas histórias, assim como em imagens, exceto que este dragão era inegavelmente real. Ele pairava sobre ela, tinta preta com um brilho azul onde a luz tocou, com os olhos cinza-prateado. Sua cabeça, no final de um longo pescoço, sinuoso, estava próximo a ela e as suas asas meio fechadas.

Mouse ainda estava latindo. Cara desviou o olhar do dragão e viu que Mouse estava dançando na frente dele, latindo e abanando o rabo, exatamente como se esperava ser acariciado.

De repente, ela se lembrou de Gus dizendo, *Ilie é diferente, e Ilie é mais um Dragomir do que qualquer um de nós*.

- Dragomir. - ela repetiu, finalmente entendendo. Ela deu um passo instável para frente e depois outro.

O dragão baixou o olhar, abaixando a cabeça enorme para baixo para deslocar carinhosamente Mouse. O cão prontamente se virou, se contorcendo em torno de costas e ainda abanando o rabo. O dragão gentilmente esfregou sua barriga.

Não, não é o *dragão*. Eu minto.

- Ilie. - Cara disse em voz alta, e o dragão olhou para ela novamente. - É você, não é? Gus é seu irmão. Você é Ilie.

Sou. Boca do dragão não se moveu, e a voz soou humana séria e cuidadosa, mas humana. Ela ouviu perfeitamente clara e ela sabia que não estava realmente ouvi-lo em tudo.

Cara riu, a partir de uma combinação de nervos e deslumbramento e satisfação pura.

Você queria aventura , pensou. Você pensou que sentia como uma princesa de um conto de fadas.

O irmão de Gus era um *dragão* . O que provavelmente significava que o próprio Gus...

Cara ouviu um rugido, longe, mas se aproximando, e Ilie espalhou suas asas largas quando ela se virou para olhar. Ela ouviu sua voz, ansioso e confuso. *Gus? Ela disse...*

O rugido soou novamente, tão perto que ela tapou os ouvidos, e ela ouviu uma voz que era inconfundivelmente Gus, mas furioso como ela não poderia tê-lo imaginado. *Afasto-se dela!*

Ela ouviu a batida de grandes asas, e, em seguida, um dragão cinza-prata, ainda maior do que Ilie, estava caindo para a clareira como um mergulho falcão em sua presa. As garras do dragão foram ampliadas, com a boca aberta para mostrar enormes dentes. Ele estava atirando-se diretamente para Ilie, que estava recuando, tentando fazer-se pequeno, gritando na mente de Cara, *Gus, por favor!*

Cara não pensou. Ela se jogou na frente de Ilie, espalhando os braços como se pudesse proteger alguém do tamanho de um trailer com apenas seu corpo.

O mergulho de Gus virou-se para uma queda desajeitada no último segundo que ele inverteu a direção para evitar bater nela. Ele chegou tão perto que ela podia ver cada dente individual e seus olhos cinzentos, de largura, com fúria dando lugar ao horror. Ele bateu no chão com tanta força que sacudiu, e Cara caiu para trás contra Ilie quando Gus se endireitou. Houve um segundo congelado, onde ninguém se moveu, e Cara podia ouvir a si mesma e dois dragões respirando, e Mouse choramingar perto de seus pés, onde estava encolhido contra o corpo de Ilie.

Em seguida, Gus rugiu novamente, e sob o som ensurdecador que ela pudesse ouvi-lo dizendo: *Ela é minha! Não toque nela!*

Cara foi lavada com fúria e jogou a única coisa que ela tinha na mão o buquê de flores, que atingiu Gus e quebrou contra o focinho dragão em uma centena de pedaços de laranja e rosa e verde. - Ela está aqui! E como se atreve a atacar Ilie quando ele estava apenas falando para mim!

Gus recuou, olhando para ela como se estivesse chocado que ela se atreveu a discutir com ele, e Cara não aguentava mais. Ela afastou-se de ambos e correu até a pista o mais rápido que suas pernas poderiam levá-la, e Mouse correu ao seu lado, seu habitual latido feliz silenciado.

Por trás dela, ouviu o som de asas enormes. Ela arrancou a trilha para as árvores e correu cegamente para a floresta onde nada tão grande quanto um dragão poderia seguir. Sua fuga precipitada parecia continuar e continuar, mas ela sabia que não tinha ido muito longe quando ela teve que parar, ofegante e segurando uma árvore para ficar em pé.

O que tinha acontecido? Como ela tinha ido tão rápido de se sentir como uma princesa para baixo na cidade, pensando em se casar com um homem que ela acabara de conhecer, para conhecer um *dragão* para se jogar entre *dois* dragões? E um deles era *Gus*? Ela sentiu as lágrimas ardendo os olhos enquanto ela lutava para recuperar o fôlego.

Mouse veio a inclinar-se contra sua perna, lamentando-se suavemente novamente. Cara caiu de joelhos para abraçá-lo. Ele estava com medo, também, mas ele tinha ficado ao lado dela.

Cara?

Cara ficou de pé, mas Gus estava à vista. Sua voz soava suave e hesitante, apologética.

Eu sinto muito, ele disse suavemente. Você vai vir e falar comigo?

Cara olhou ao redor e para cima, mas não viu um sinal, quer do Gus ou o enorme dragão cinza. Pensou em dizer-lhe para deixá-la sozinha, mas ela queria entender o que tinha acontecido. E, ela percebeu, ela não tinha ideia de onde estava.

- Onde?

Mouse vai lhe trazer, Gus disse a ela.

Cara olhou para baixo. As orelhas de Mouse picadas para frente, sua cauda tremendo de medo. Ele olhou para ela e, em seguida, começou a pegar seu caminho por entre as árvores. Não era sua habitual corrida alegre para Ilie, mas ele não estava hesitando, também.

- Estou indo. - disse Cara. - E é melhor você estar pronto para explicar algumas coisas.

Qualquer coisa que você quiser, Gus prometeu, e depois Mouse latiu e correu à sua frente um pouco. Cara perceberam que estavam chegando para outra compensação.

Por um momento ela pensou que Gus já estava lá, sentado com suas asas espalhadas no meio do espaço aberto. Mas quando ela se aproximou, percebeu que este dragão cinza era feito de pedra. Ela andou até ele, mal notando quando o Mouse se afastou trotando.

Não era apenas um escultura de dragão havia uma escultura de uma mulher empoleirada na pata dianteira do dragão, abrigada sob sua asa. A escultura era lindamente detalhada, em tamanho natural. Cara sentiu que ela estava olhando diretamente para o rosto de uma pessoa, uma mulher, talvez vinte anos mais velha do que ela, e ela poderia reconhecer semelhança da mulher para Gus.

Era esta a sua mãe? E o dragão... o seu pai?

Ela ouviu asas, e viu Gus aterrando na borda da clareira. Ela ficou onde estava, sob a asa do dragão de pedra, e observou-o andar mais perto.

Ele era um pouco estranho no chão, as asas e balançando a cauda, a cabeça baixa. Ela não tinha dúvida de que ele poderia ter coberto a distância em um único salto, uma aba de suas asas, mas ele caminhou lentamente para ela, dando-lhe tempo para estudar o cinza suavemente brilhante de suas escamas. Ela podia ver uma linha fina, brilhante de ouro ao redor da base de seu pescoço, que pareciam ser as mesmas cadeias que ela tinha visto em torno de seu pescoço em forma humana, havia um traçado de ouro em torno de sua pata dianteira também.

É claro que ele amava coisas brilhantes. Claro que ele *acumulava* elas. Gus era um *dragão*.

Quando ele chegou ao seu lado curvou para baixo, tão pequeno que podia. Ele trouxe a cabeça para baixo o suficiente para olhá-la nos olhos.

Quero agradecer-lhe, em primeiro lugar, disse ele. *Por me parar de ferir Ilie. Eu nunca teria me perdoado.*

Não era o que ela esperava que ele dissesse. - Oh. Bem. Qualquer um faria...

Não, ele disse. *Qualquer um iria correr bem longe de dois dragões adultos. Alguém iria gritar e se esconder dos monstros na frente dela. Qualquer um diria a si mesmo que um dragão poderia fazer o que quisesse. Você foi incrivelmente corajosa.*

- Por que você fez isso? - Perguntou ela, balançando a cabeça ao pensar em si mesma sendo corajosa, em vez de apenas impetuosa e meio louca. Quando ela deixou sua vida segura atrás, ela nunca esperava ir tão longe na outra direção.

- Por que você iria atacá-lo? Ele é seu irmão. Você o ama, eu sei que você faz.

Gus abaixou a cabeça, suas asas vindo para frente em algo como um encolher de ombros, ou talvez como se quisesse esconder-se com eles, antes de ele abaixou-los novamente.

Ele estava muito perto de você. O dragão em mim, eu reconheci você como minha companheira desde o momento em que nos conhecemos. Faz-me precisar saber que você é minha, mas você ainda não é. Meu dragão não pode suportar a ideia de que outro dragão pode te roubar. Eu sei melhor, mas eu não sou sempre bom em agir como um civilizado ser humano, ou qualquer tipo de ser humano. Não quando se trata de meus instintos dragão.

Havia uma centena de outras perguntas que ela deve fazer, e pelo menos metade deles eram apenas *Dragões ?!*

Mas Cara disse: - Se você soubesse com certeza que eu sou sua, você iria se acalmar? Você disse que queria que eu o conhecesse, era apenas um desejo?

Gus abanou a cabeça rapidamente. *Uma vez que eu tenho certeza de que você é minha, que nós estamos acasalados, o meu dragão vai estar mais calmo. Mesmo sem uma companheira para lutar, meus irmãos e eu não podemos estar em torno uns dos outros por muitos dias. Se todos nós formos acoplados, todos nós poderíamos viver na cidade e nunca lutar.*

Gus fez outro movimento de encolher de ombros, e sua boca recuou em um sorriso de dragão, com dentes brilhantes. *Não gosto disso, de qualquer maneira.*

Cara não poderia deixar de sorrir de volta. - O que seria necessário para fazer você tem certeza?

Gus abanou a cabeça mais duro desta vez. *É uma grande decisão. Há muito para falar ainda.*

- Nós estamos falando, não é? - Disse Cara. - Eu não tenho mais nada planejado para hoje.

Gus soltou um enorme suspiro e assentiu.

Segure-se, disse ele. *Eu preciso mudar para isso.*

Então ele enrolado em si mesmo, não apenas enrolou, mas encolhendo, Cara percebeu, quando a visão começou a realmente dobrar seu cérebro. Ela fechou os olhos e sacudiu a cabeça, tentando fazer com que a visão impossível caísse no lugar. Quando olhou novamente Gus estava ali, nu, exceto para o brilho do ouro em volta do pescoço e enrolando o pulso esquerdo.

Ele andou até ela como se ele mal percebesse sua própria nudez, e ele sentou-se na relva aos pés do dragão de pedra. Ela sentou-se de frente para ele, aos pés da mulher. Ela notou, quando ela sentou-se, que a mulher estátua também foi adornada com algo brilhante. Havia uma pulseira de ouro de espessura em torno de um tornozelo, mais de uma polegada de largura e dimensionado de modo que, obviamente, não poderia sair por cima do pé. Cara não pude resistir tocá-lo suavemente.

- É a mesma que ela usava quando ela estava viva.

Cara ergueu os olhos rapidamente, mas o olhar de Gus estava fixo em seus dedos onde eles tocaram a tornozeleira.

- Sua mãe? - Perguntou Cara, embora ela já sabia.

Gus assentiu sem olhar para cima. - Meu pai tirou de seu tornozelo depois que ela morreu e a libertou de suas promessas. Enterrou-a com todas as suas joias favoritas, todos os tesouros que ele mais amava, mas não isso. Isso era apenas para sua memória, uma vez que ela tinha ido embora, então ele colocou aqui. - Uma vez que o funeral terminou, ele se transformou. - Gus olhou para o dragão acima dele, seu pai, certamente tão reconhecível a ele em que a forma como sua mãe humana. - Ele nunca mudou de volta. Eu me tornei prefeito, embora ele ainda manteve a paz entre nós, rapazes, até o ano passado. Mas ele não podia viver sem ela, e não demorou muito para que ele a seguisse. Isso é o que significa, um dragão encontrar sua companheira.

Cara sentiu-se cambaleando com a idéia de Gus definhando por ela. Ela ficou horrorizada com a idéia de sua morte, mesmo que fosse atrás dela própria. - É que... você não quer...

Gus olhou para cima, pela primeira vez, encontrando seus olhos com um olhar assustado. - Não, eu... quero uma companheira, uma vida sem uma companheira, seria como viver metade de uma vida. Mas você deve saber com o que você está concordando.

Cara balançou a cabeça lentamente. - Isso é o pior de tudo?

Gus deu de ombros rigidamente, olhando para longe novamente. - Depende do que você quer. Eu quero filhos.

- Eu sei. - disse Cara, e de repente ela não podia suportar não tocar Gus ao ter esta conversa. Ela fugiu perto o suficiente para as pernas tocar as dele, e colocou a mão em seu joelho. Ele imediatamente colocou sua mão sobre a dela.

Cara disse, gentilmente: - O viveiro está terrivelmente vazio, não é?

Gus olhou por cima, encontrando os olhos e acenou com a cabeça antes que ele desviou o olhar. - É que...

- Eu quero uma família. - disse Cara. - Você sabe que eu era apenas uma criança, e eu não estou perto de meus pais ou o resto da minha família. Eu quero mais do que isso. Eu quero fazer uma família com alguém, com você.

A mão de Gus apertou a dela, e ele disse. - Os dragões geralmente têm apenas um ou dois filhos - meu bando de irmãos é uma espécie de um acaso. E os filhos que você tiver eles serão como eu... Dragões.

- Sua mãe não era? - Perguntou Cara, embora parecesse óbvio.

- Perfeitamente humana. - Gus disse, e ele levantou a mão para cima e enrolado para a frente para pressionar um beijo para os nós dos dedos. - Assim como você.

- Você amava-a menos, porque ela não era um dragão? Será que ela amava qualquer um de vocês meninos um pouco menos por isso?

Gus abanou a cabeça duramente. - Não é isso... eu não acho que você vai ama-los menos, mas suas vidas podem não ser como você imaginou.

- Eles podem ser como Ilie, você quer dizer. - disse Cara, e o verdadeiro significado de Ilie ocorreu pela primeira vez desde que ela percebeu que era o dragão. - Ele é um dragão o tempo todo. Ele não pode mudar de volta?

- Eu acho que ele poderia - meu pai me disse uma vez que ele poderia forçar Ilie a mudar, mas ele não o fez. O humano nele quer mudar, mas o dragão é mais forte. Ilie tinha quatro meses de idade. Lembro-me de o ver de pé sobre seu berço... eu tinha acabado de ter minha primeira mudança.

- Gostávamos de brincar assim, tentando voar no berçário, brigando ao redor. Mas ele mudou mais e mais frequentemente quando ele crescia, sendo um dragão estava dentro dele. E quando ele tinha treze anos ele mudou para sempre.

- E? - Perguntou Cara, olhando de novo para a escultura que se sentaram sob, mulher e dragão juntos. - Será que isso quebrou o coração de sua mãe?

Gus sorriu para suas mãos unidas. - Não que eu tenha visto. Eu acho que Ilie era o seu favorito. Mas é... é algo que você deve considerar.

- Gus. - disse Cara. - Eu considerei as coisas com cuidado para toda a minha vida. Eu sempre fui cautelosa. Eu sempre fiz a coisa certa, todas as vezes. Eu tive boas notas para que eu pudesse ir para uma boa escola para que eu pudesse conseguir um bom emprego, e o trabalho era chato e um pouco de um destruidor de alma, mas era seguro e estável, e assim eu continuei fazendo isso. Eu fiquei com ele. Eu não saia com caras esboçados, eu não bebia em festas, eu não saia sozinha à noite, eu não aproveitava a oportunidade, ok? Eu nunca tive a chance.

Gus observou-a em silêncio, seus olhos cinzentos com intenção.

- Mas ter cuidado significa estar sozinha. - Cara continuou. - Ter ninguém para me segurar em um só lugar. Ninguém para me segurar na minha *vida*, nada para me manter lá. É por isso que eu fugi, é por isso que eu fui nesta viagem, porque não há nada para mim em qualquer lugar. Eu queria ter chances, eu queria alguém para me segurar. E você não estava lá para me pegar, exatamente, mas você estava lá para me pegar e tirar a poeira depois que eu caí na minha bunda, e eu sabia no segundo eu vi você, o mesmo que você sabia, assim como você sabia quando me viu. Eu não sabia que era possível, mas é o que eu quero. Quero pertencer a você... pertencer a vocês, se é isso que você quer. Eu quero isso. Se é difícil mais tarde, estaremos juntos, não é? Vamos enfrentá-lo juntos.

Gus se inclinou mais perto e mais perto enquanto ela falava. Beijou-a quando ela terminou, empurrando-a suavemente para baixo sobre a grama quando ele montou ela. Ele continuou beijando e beijando-a, e ela foi ficando realmente consciente de que ele estava nu.

Também sua mãe estava assistindo.

- Eu te amo. - Gus sussurrou contra seus lábios. - Deus, Cara... você é tão corajosa, e eu te amo tanto.

- Eu também te amo. - ela sussurrou de volta. - Então, como faço para convencê-lo que eu quero dizer?

Gus levantou sua cabeça, e sua expressão era decididamente triste. Ele estava, na verdade, corando um pouco. - É... há uma espécie de ritual, para o acasalamento, quando estiver pronta para realmente dizer isso. É muito... tradicional.

- Tradicional? - Repetiu Cara, imaginando um vestido branco, uma igreja.

- *Dragão shifter* tradicional. - explicou Gus. Ele estava definitivamente corando um pouco agora. - Toda a companheira de um shifter dragão é uma princesa, de uma certa maneira. Você sabe como geralmente as princesas atendem os dragões?

Foi a vez de Cara corar, mas o calor passou do rosto para os mamilos de reforço para sua buceta. - Eu estou... começando a ter uma ideia.

- Eu posso mostrar a você. - disse ele, hesitante. - Onde é, o que está envolvido. Se você não quiser fazer isso hoje...

- Eu quero você. - Cara insistiu. - Mostre-me.

Gus beijou novamente, longa e demoradamente. Ele se levantou, puxando-a para seus pés como ele fez. - É uma longa caminhada, mas um voo curto. Eu poderia levá-la, se quiser.

Cara olhou involuntariamente para as asas do dragão de pedra, e de volta para Gus. - Você, poderia me levar? Voando?

Gus sorriu. - Teria que ser ousado o suficiente para você? Prometo não deixar você cair neste momento.

- *Sim* - disse Cara, porque não havia outra resposta possível.

Gus beijou mais uma vez antes de ele se virar e sair correndo para o espaço aberto da clareira, seus braços abertos. Eles esticaram impossivelmente largos, e então eles não eram braços, eles eram asas. Sua pele clara tinha escamas cinza, pescoço alongado e cauda.

Voltou-se para encará-la e ele era um dragão, e ele enrolou suas asas apertadas para os lados.

Todos a bordo.

- Oh, Deus. - Cara disse, com os olhos itinerante sobre ele. - Onde...

A próxima coisa que ela ouviu de Gus não era palavras, mas uma espécie de imagem mental súbita, vívida, mostrando-lhe exatamente como. Ele estendeu uma pata dianteira para ela subir. Ele impulsionou-a dessa maneira, de costas, entre a enorme extensão de suas asas. Ela se inclinou para frente, envolvendo os braços ao redor da base de seu pescoço.

Pronta?

- Claro. - ela disse vacilante.

Cara gritou de prazer e medo na montanha-russa selvagem quando ele saltou no ar com não mais aviso do que isso. Seus enormes asas batiam de forma constante, levando-os para cima, por cima da clareira, acima das árvores.

A vista da montanha e no vale abaixo eram ainda mais bonitas daqui, mas Cara estava principalmente consciente do poder do corpo de Gus debaixo dela. Ela podia sentir os músculos e a batida de suas asas. E isso era para não falar do fato de que ela estava *voando* na parte de trás de um *dragão*.

Ela mal tinha começado a prender a sua cabeça ao redor desse pensamento quando Gus estava deslizando para baixo para um pouso suave em outra montanha. Havia um pequeno edifício em um presente, parecendo nada mais do que um galpão construído solidamente.

O tempo que levou Gus para transformar de volta foi suficiente para ela perceber que ele parecia ter uma porta muito resistente, mas a porta se abriu com um simples toque de Gus. Ele obviamente não estava escondendo uma chave em qualquer lugar. O interior do galpão era fraco, mas Cara podia ver que ele continha apenas algumas coisas. Havia uma fileira de prateleiras, a partir do qual Gus levou um par de calças e deslizou por elas.

Ele a levou a uma escada descendente subterrânea em uma espiral apertada.

- Eu vou à frente de você de novo. - Gus disse a ela com um sorriso, e assim que ele pisou no primeiro degrau, ela viu luzes se ligar abaixo. As luzes parecia estar acolhendo-os para o que estava lá em baixo.

As escadas desceu através de algumas voltas completas, o suficiente para deixá-la um pouco tonta. Isso foi definitivamente uma desculpa para inclinar-se para Gus, logo que ela chegou lá, beijando-o por alguns longos, momentos lentos antes que ela olha-se em volta.

Eles estavam em algum tipo de túnel, ela podia ver aberturas arqueadas em ambos os lados.

- Oh meu Deus, cavernas. - disse Cara.

- Bem, como eu disse. - Gus sorriu. - Tradições de dragão. Hoje em dia temos bancos para manter o nosso tesouro, mas gostamos de manter algumas coisas por perto.

- E por algumas coisas... - disse Cara, quando Gus pegou sua mão e levou-a para baixo do túnel. - você quer dizer...

- Muito. - Gus admitiu. - Quero dizer - oito gerações de colecionadores Magpie, este material acrescenta-se. O que eu estou te dando é o mais antigo, o primeiro-coração do tesouro.

Cara apertou sua mão sobre a dele, e ele olhou para ela e sorriu.

- Eu achei que haveria mais bloqueios. - disse Cara. As aberturas das cavernas para os lados nem sequer têm portas, ela podia ver reflexos brilhantes dentro quando eles passaram. - Ou, bem...

- Um dragão guardando tudo isso? - Perguntou Gus. - Quero dizer, isso é tradicionalmente como ele funciona. E isso é ainda como funciona é um tipo de sistema de alarme sobrenatural. Se alguém que não seja um dragão tenta entrar... Nós configuramos agora a maior parte apenas para assustar as pessoas, porque uma vez em cada geração ou assim um garoto da cidade fica a ideia de tentar esgueirar-se e descobrir uma maneira de passar o bloqueio na porta...

- Não estava trancada! - Cara interrompeu.

- Estava. - Gus assegurou, contorcendo os dedos. - Há ouro na fechadura - nós temos uma certa afinidade para o ouro. Ele faz o que pedimos para ele. Não há chaves para esse bloqueio, mas garantimos isso, eu o bloqueiei denovo depois que passamos.

- Então as crianças escolhem...

- Eles ouvem um rugido, veem alguns fogos. - Disse Gus, acenando com a mão. - E eu sou alertado, por isso, se eles não vêm correndo para fora muito rápido que eles ficam um rugido de mim, também, ou Ilie. Isso... resolve o problema, em geral.

- As pessoas na cidade sabem, então. - disse Cara, mas é claro que eles devem saber.

Ele tinha ido correndo contra o gabinete do prefeito quando ele percebeu que Ilie estava falando com ela? Se ele tivesse mudado bem no meio da rua principal, pegando suas asas na frente da Sra McCullough e todos na loja de eletrônicos?

- Sim. - disse Gus. - Meu oitavo bisavô fundou a cidade financiou a primeira igreja e a escola e assim por diante - e as pessoas aqui sempre souberam o que somos. Nós cuidamos deles, eles mantêm os nossos segredos. Ele funciona muito bem para todos, embora eu realmente espero Radu vai voltar e ser prefeito em breve. Hannah vai perder a paciência comigo um desses anos.

- Vai ser mais fácil quando você tiver uma companheira, não é? - Perguntou Cara, apertando sua mão. - Seus irmãos podem estar ao seu redor mais vezes?

Gus assentiu, sorrindo esperançosamente para ela, e puxou-a para a frente. Tinham chegado ao fim do túnel, onde se levou em torno de um pouco de curva e na última das cavernas.

Por um momento Cara pensou que eles saíram. A caverna era tão deslumbrantemente brilhante que parecia que eles estavam em pleno sol. Mas depois de um momento seus olhos se adaptaram, e ela percebeu que o que ela estava vendo era o reflexo fora de uma montanha de ouro que estava meio-cheia no centro da pequena caverna. Ele cobria todo o chão e amontoou a meio caminho para o teto.

Ela deu um passo em direção a ela, querendo tocar, tentando ver de que era feito, além *de ouro*. Parecia um amontoado de moedas e pérolas, e formas pouco irregulares como cascalho banhado a ouro que deve ser

pepitas de ouro. Havia bares quadrados de ouro em alguns lugares, joias de ouro, correntes de ouro mais finos sinuosas através do chão.

Ela se virou para olhar para Gus, que estava sorrindo contente, aqui na caverna com sua pilha de tesouro de ouro.

- A luz vem para baixo a partir da superfície. - Gus disse, como se fosse a parte que exigia explicação. - Há um par de eixos a partir daqui, e um sistema de prismas e espelhos para que tudo esteja selado, mas a luz ainda fica por aqui.

- Gus. - Cara disse, olhando impotente para trás na enorme pilha de ouro. - Eu posso...

- Eu desejo que você faça. - disse Gus.

Quando Cara olhou para ele novamente, ela podia ver seus olhos estavam escuros de desejo, e não havia um rubor no rosto que estava se espalhando para baixo. O brilho do ouro no pescoço e no pulso parecia mais brilhante aqui, refletindo a luz do tesouro. Ele também parecia bastante contido, em comparação com o incrível profusão empilhadas.

Cara deu um passo para frente e, em seguida, sentindo apenas um pouco boba, ela parou e tirou os sapatos e as meias. Ela caminhou descalça para a pilha de ouro, como se estivesse andando na água em uma praia, picando os dedos dos pés para o surf de moedas e de contas. Ela entrou na água ainda mais, sentindo os pesados pedaços frescos, de parte de ouro ao redor de seus pés e pilha em torno de seus tornozelos. Cada movimento partiu pequenas cascatas quando mais ouro rolou.

Ela riu, sentindo-se como uma criança na loja de doces mais brilhante que nunca. Havia pilhas de ouro, lá deitadas como seixos, deslizando para baixo em torno de seus pés. Ela olhou ao redor, quando Gus entrou atrás dela.

A luz dourada fez Gus brilhar.

Tão surpreendente como ele tinha sido em sua enorme forma de dragão cinza-prata, ele parecia ainda mais sobrenatural agora. Seus olhos brilhavam com algo que Cara sabia não se era um reflexo da luz que brilhava

sobre os dois. Era o próprio fogo do dragão de Gus, brilhando. Brilhando para ela.

E ela tinha vindo aqui para prometer-se a ele, para receber a promessa de que ele iria continuar brilhando para ela assim para sempre.

- E agora? - Disse Cara, e sua voz saiu abafada.

Gus se inclinou, as mãos encontrar sua cintura quando ele a beijou no brilho quente. - Eu quero ver o meu tesouro brilhando em sua pele.

Cara assentiu, levantando os braços acima da cabeça quando Gus descascou sua camisa para cima e fora. Ele abaixou a cabeça, beijando as curvas superiores de seus seios enquanto ele desabotoou o sutiã, e ela era consciente do sentimento do ouro aquecido pelo corpo de suas correntes descansando contra seus seios enquanto eles foram libertados.

Suas mãos se moveram para baixo, sem hesitar, abrindo sua calça jeans, e ele se moveu lentamente até os joelhos, beijando seu caminho até a curva suave de sua barriga. Ele deslizou seu jeans para baixo sobre seus quadris e ajudou-a suavemente para fora deles. O ouro ao redor de seus pés fez um som musical suave quando ela balançou cada pé solto.

Gus correu as mãos para cima suas pernas nuas, seus dedos movendo-se reverentemente sobre cada curva, e então ele disse: - Deite-se comigo, querida.

Cara assentiu e deixou Gus guiá-la para baixo sobre uma inclinação de ouro que era suave sob ela, mas não tão difícil ou irregular como ela esperava. Ele deslizou suavemente debaixo dela, embalando-a como a praia mais suave.

Ela deu uma risadinha assustada quando as moedas perdidas e contas caíram sobre os ombros, derramando-se sobre os seios e deslizando em sua barriga.

Cara olhou para Gus, ajoelhado ao lado dela, e descobriu que tinha uma excelente vista de seu pênis, pressionando com força contra as calças suaves que ele estava usando. Ela olhou para os olhos brilhando e pegou o cinto de suas calças. - E se eu quiser ver sua pele, também?

- Então o seu desejo é uma ordem. - disse Gus, sorrindo brilhantemente.

Ele deslizou de alguma forma graciosamente para fora da calça, revelando seu pênis duro para os olhos ansiosos. Cara estendeu a mão para ele, mas Gus pegou sua mão, sua mão circulando seu pulso delicadamente mas com firmeza quando ele empurrou-a para baixo.

- Não me distraia muito, embora. - disse ele.

- Certo. - disse Cara, antecipação formigando sobre sua pele quando ela levantou os braços acima da cabeça.

Ela deixou suas pernas deslizar abrir um pouco mais, desencadeando mais cascatas repicar de ouro ao seu redor.

- Há uma tradição, certo?

- Sim. - Gus disse, e não havia receio em seu olhar, apenas calor e desejo. - Você desempenha o papel da princesa. E uma princesa deve ser lindamente decorada.

Remexeu entre o ouro ao redor dele e veio com cadeias delicadas penduradas em seus dedos. Cara levantou a cabeça para ajudá-lo a reduzir algumas em volta do pescoço, e elas se derramaram sobre os seios.

Ele pegou mais, entrelaçando-os em torno de seu cabelo para mantê-lo para cima. Ele encontrou pulseiras para os pulsos dela, beijando as mãos e os braços para cima quando ele as colocou, e mais para os tornozelos, beijando seu caminho até as coxas. Ela separou-as facilmente, recebendo-o. Envoltos em ouro, banhada em luz, ela estava começando a se sentir como se ela realmente fosse a sua princesa, algo quase tão mágico quanto ele.

- Agora me diga. - Gus murmurou, olhando para ela de entre suas coxas, sua respiração apenas tocando onde ela estava molhada e quente. - O que a princesa faz quando ela encontra o seu dragão?

- Ela é dada a ele. - Cara sussurrou. Ela tinha as mãos sobre a cabeça mais uma vez, oferecendo-se.

Gus sorriu, acenando com a cabeça.

- Ou se o dragão tiver muita, muita sorte, talvez ela fuja e se entregue. E se o dragão é um dragão malvado, ela é um sacrifício, dado a apaziguá-lo. Mas se o dragão é bom, então ele não vai devorá-la. Ela vai se tornar o mais precioso de todos os tesouros do dragão, e todas as suas outras riquezas pertencerá a ela, porque ele só vai cuidar de possuir o coração de seu tesouro - sua princesa.

- Sim. - Cara respirava. - Gus, por favor, sim, faça-me sua.

- Só mais algumas cadeias. - disse Gus, movendo-se para ajoelhar-se sobre ela, remexendo novamente entre o ouro. - Só para ter certeza que a princesa é verdadeiramente dele.

Cara não conseguia nem falar, só oferecia-lhe os pulsos para as mãos de Gus. As pulseiras eram de um metal pesado e brilhante, liso e sólido. Quando ele acariciou seus dedos sobre eles pareciam apertados de alguma forma em torno de seus pulsos de modo que não poderia escorregar livre.

Quando ela puxou por elas, elas estavam ligadas a cadeias pesadas que desapareceram no tesouro. Ela puxou um pouco mais, acorrentada com ouro de um dragão. Ela sentia dentro fundido, tão quente e molhada e pronta para isso.

- Cara? - Gus disse suavemente, e ela olhou para cima e encontrou seus olhos. Eles eram cinza claro agora, questionando. - Está tudo bem?

Cara inclinou a cabeça para trás, arqueando o corpo dela enquanto ela lutava para encontrar palavras que eram um pouco mais coerente reconfortante do que *sim, sim, agora*.

- Gus, sim. - disse ela, sem fôlego. - Me faça sua. Me faça ficar.

Os olhos de Gus acenderam novamente, brilhando quente. Ele a beijou profundamente, suas mãos novamente acariciando-a como se ela fosse mais preciosa do que qualquer outra coisa.

O calor de seu corpo a fez pressionar para cima, querendo-o dentro dela, e depois de um momento suas mãos pressionaram seus quadris para baixo e ele quebrou o beijo, sua boca arrastando para baixo seu corpo até que ele estava ajoelhado entre suas pernas. Ele encontrou o tornozelo

pesados que combinavam com as bandas em seus pulsos e prendeu-os no lugar para que ela não podia se mover. Ela só podia se contorcer um pouco sob seu olhar.

- Gus, por favor. Eu preciso de você.

- Claro. - Gus sussurrou, mas ele empurrou seus dedos em sua boceta molhada pingando, ainda não dando a ela o que ela realmente queria.

Ela jogou a cabeça para trás puxando o ouro em seu cabelo e sob a cabeça soou suavemente ao redor dela enquanto os dedos de Gus trabalhou dentro dela, logo se juntou por boca de Gus. Seus gritos ecoaram pela pequena caverna quando Gus a trouxe sobre a borda.

- Agora. - Ela gritou, assim que ela pudesse falar novamente. - Meu dragão, *agora*.

Gus fez um som estrondoso que fez estremecer em memória de seu grande rugido, e se movia sobre ela. Beijou-a, e ela podia sentir o calor de seu pênis contra sua coxa. Ele estava nu, ela percebeu. Ela não tinha trazido um preservativo até aqui, e ele certamente não tinha um em *seu* bolso.

- Sim. - ela sussurrou contra sua boca. - Sim, Gus, *agora*, eu sou sua.

Ele a beijou duro, então, dirigir dentro dela com um curso longo, profundo.

Ela tentou arquear para encontrá-lo e só fez-se mais consciente de todos os lugares. Ela apertou-se contra seus títulos apenas para saber que estavam lá quando Gus mudou-se dentro dela, enchendo-a primorosamente. Não demorou muito antes que ela estava vindo novamente.

Foi retirado desta vez, ondas de prazer fazendo-a sentir como se estivesse subindo mesmo quando ela foi presa de modo firme no lugar. Gus continuou se movendo nela e sobre ela, arrastando-o para fora até que ele inclinou a cabeça para trás e rugiu através de sua própria libertação, enchendo-a completamente.

Sua bochecha escovando a dela quando ele deixou cair a cabeça, respirando tão duro quanto ela. Em seguida, ele estendeu a mão sobre a

cabeça, tocando-lhe os pulsos. Antes que ela pudesse protestar, ela sentiu um pouco de alívio de pressão, e ela descobriu que era capaz de mover as mãos, mas as pulseiras pesadas permaneceram no local. Ele só tinha desatado as suas cadeias.

- Seu agora. - ele murmurou, recolhendo-a para ele quando ele se virou para o lado, para que ela repousava sobre ele tanto quanto sobre o ouro. - Você vai usá-las?

- Sempre. - ela sussurrou. - Meu dragão.

- Sempre. - ele murmurou de volta, soando como perfeitamente contente assim como ela se sentia. - Sempre, minha princesa. Meu amor.